

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Departamento de História**

RELAÇÃO DA VIAGEM AO PAÍS DOS TAPUIAS: UMA LEITURA

**Aluno: James Emanuel de Albuquerque
Matrícula: 097100100**

Orientador: Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes

**Monografia de graduação apresentada
ao Programa de Graduação em História
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos para
a obtenção do grau de Bacharel em
História.**

**Este exemplar corresponde à redação
final da monografia de bacharelado
defendida e aprovada pela comissão
julgadora em 2002.**

Banca Examinadora:

**Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes (Orientador)
Profa. Dra. Beatriz Catão Cruz Santos
Profa. Dra. Heloísa Gesteira**

.Sumário

<i>Apresentação.....</i>	<i>2</i>
<i>Nosso barco e provisões.....</i>	<i>8</i>
<i>A viagem em si.....</i>	<i>27</i>
<i>Conclusão.....</i>	<i>63</i>
<i>Referências Bibliográficas.....</i>	<i>70</i>

Anexo 1: Relação da Viagem ao País dos Tapuias

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo produzir uma leitura reflexiva da “Viagem ao país dos tapuias”, documento gerado pela administração do Brasil Holandês (1647). A partir de procedimentos teóricos metodológicos relativos as possibilidades de análises críticas de textos históricos, procuramos abordar um dos processos históricos constitutivos das experiências indígenas no Brasil Colonial do século XVII.

Agradecimentos: Aos professores, alunos e funcionários do IFCS pela maneira super delicada que suportaram a minha presença nos últimos anos. Para não cometer injustiças, não citarei os que mais me ajudaram, por certo já me declarei admirador pessoalmente. Aos meus filhos e ao meu amor.

APRESENTAÇÃO

“É célebre no Brasil holandês o nome dos tapuias, por causa do seu ódio aos portugueses, das guerras com os seus vizinhos e dos auxílios mais de uma vez prestados a nós. Habitam o sertão brasileiro, bastante longe do litoral, onde dominam os lusitanos ou os batavos. Distinguem-se por suas designações, línguas, costumes e territórios. São-nos mais conhecidos os que moram nas vizinhanças do Rio Grande e do Ceará e no Maranhão, onde impera Janduí ou João Wy.” (Gaspar Barleus- 1647)

John Manuel Monteiro, professor do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, em artigo publicado por ocasião das comemorações dos “500 anos”, apontou para a necessidade da releitura de documentos coloniais que produza um “*renovado retrato da participação das populações indígenas diante do avanço dos europeus*”. Tendo em vista que a geração de intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ¹, fundado em 1838, que enfrentou o desafio da descoberta, recuperação e divulgação dos “*relatos que adormeciam empoeirados, em arquivos no país e no exterior*”, promoveu, adicionalmente, leituras críticas, marcadas pelo “*fardo de uma sociedade escravista cuja imagem carregava os estigmas do atraso*”, que levaram a uma minimização do lugar das populações

¹ Para um aprofundamento sobre a ação do IHGB, consultar: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, n.1: p.5-27, 1988.

indígenas na história colonial, condenando-as “a uma nebulosa pré-história ou ao domínio exclusivo da antropologia”².

Para Maria Sylvia Porto Alegre, Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, através da soma de esforços dos pesquisadores nos caminhos abertos pela confluência entre antropologia e história, poderemos nos colocar: “em melhores condições de acesso às dimensões concretas das relações entre os índios e a sociedade brasileira, recuperando o passado para pensá-lo no presente e refletir sobre o futuro dos povos indígenas em nosso país. “ Uma revisão da historiografia indígena mais antiga, lançando um novo olhar sobre o “desaparecimento” dos povos indígenas seria, para esta autora: “particularmente instigante e desafiadora no caso do Nordeste, região onde os contatos entre índios e não-índios são tão antigos quanto a própria história do país e tão intensos que fariam supor uma completa desorganização e perda da identidade étnica.”³.

No prefácio de *Imagens da Colonização*, de Ronald Raminelli, a historiadora Laura de Mello e Souza, registra que o índio tem sido pouco estudado em nossa história, ressaltando que “malgrado o brilho das análises etnológicas, elas não substituem a abordagem histórica”, abordagem que se vale de uma perspectiva diacrônica e não a sincrônica dos trabalhos antropológicos. Apontando, entre os estudos com abordagem histórica do tema, o trabalho “pioneiro” de Alexandre Marchant, *Do escambo à escravidão*, e as observações de Stuart Schwartz, “sempre agudíssimas mas em geral dispersas por suas várias obras”, além dos “excelentes trabalhos”: *Negros da terra*, de John Manuel Monteiro, e *A heresia dos índios*, de Ronaldo Vainfas⁴.

² *Jornal do Brasil*, 22/04/2000

³ PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. “Rompendo o Silêncio: Por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas.” *Revista Ethnos*, Ano II, Número 2 – Janeiro/Junho de 1998.

⁴ RAMINELLI, R. *Imagens da colonização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

Tivemos o primeiro contato com o relatório de Roulox Baro, “Relação da Viagem ao País dos Tapuias”⁵, dirigido à Companhia das Índias Ocidentais em 1647, no curso “Laboratório de História do Brasil”, ministrado pelo orientador desta monografia, Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes, em 1999. Curso este que buscava uma reflexão sobre as idéias de construção histórica, significados políticos, ideologias, marcos temporais, idealização de heróis e personagens históricos, “identidades nacionais / regionais”, entre outras, a partir da análise da produção historiográfica mais recente sobre o período da ocupação holandesa no Nordeste do Brasil (1630 – 1654).

Entre as impressões resultantes das análises então desenvolvidas, pareceu-nos digna de nota a evolução apresentada na historiografia, principalmente na obra de Evaldo Cabral de Mello, no que se refere a reflexão sobre a magnitude da participação da “sociedade colonial” do Nordeste no processo da “Restauração Pernambucana”, reconstituindo, segundo este último, a “*maneira pela qual esta mobilizou os recursos escassos de sua ordem monocultora, latifundiária e escravocrata na luta contra os invasores*”⁶. Assim como nos pareceu se destacar um espaço para novos recortes e novas perguntas, na investigação da participação de outras camadas que, salvo por sutilezas conceituais, se incluíam na “sociedade colonial” do Nordeste no período, como, por exemplo, a dos “tapuias” do sertão, personagens centrais do documento de Baro.

Uma avaliação preliminar confirmava o enquadramento daquela fonte na situação de privilegiada pelos estudos antropológicos, por conter uma das raras descrições de elementos característicos da cultura dos “tapuias” que habitavam o sertão nordestino na época; enquanto, a grosso modo, aparecia mais como “curiosidade” nos estudos da área

⁵ MOREAU, P., BARO, R. *História das Últimas Lutas Entre Holandeses e Portugueses e Relação da viagem ao País dos Tapuias*. Belo Horizonte/ São Paulo, Ed. Itatiaia/ Edusp, 1979

⁶ MELLO, Evaldo Cabral de *Olinda Restaurada*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1998p. 14.

historiográfica. Como, por exemplo, parece indicar a afirmação de José Honório Rodrigues ⁷, em sua “Nota Introdutória” para a edição que utilizamos: “*A relação é um documento etnográfico, descritivo da chamada cultura tapuia.*” (Moreau, Baro; p.9); ou a referência a Roulox Baro no clássico *Tempo dos Flamengos* ⁸, onde José Antônio Gonsalves de Mello registra: “*Identificou-se com o estilo e hábitos de vida dos selvagens brasileiros e deixou-nos do que viu alguns flagrantes de interesse, no seu jornal de viagem intitulado **Relation du Voyage...***” (Gonsalves de Mello; p.202).

No ensaio “Tupi ou Não Tupi?...” ⁹, Pedro Puntoni, doutor em História Social na USP, alerta quanto a importância, para uma reconstrução da história indígena do período colonial, de que os conhecimentos “etnográficos” de povos indígenas históricos passem por técnicas particulares do ofício do historiador. Destacando que, ao contrário do que pode fazer o historiador da Meso-América, não temos nenhum registro da parte dos povos indígenas com seu ponto de vista, possuindo apenas o relato e as informações de uma documentação produzida pelos agentes da colonização, ele observa que : “*Não temos, portanto, outros meios de recuperar a história destes povos, de maneira crítica, sem grandes embaraços teóricos e metodológicos*”. No seu entendimento: “*Desde o estabelecimento das regras da crítica documental e, portanto do nascimento da historiografia moderna, é notório que ao abordar a documentação, o historiador não pode desconsiderar os filtros necessários. Ainda mais no caso da história indígena, onde interesse ou desinteresse, preconceitos e comportamentos influíram na definição*

⁷ José Honório Rodrigues, professor, historiador e ensaísta, nasceu no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1913, e faleceu na mesma cidade em 6 de abril de 1987. Sua bibliografia compreende mais de duas dezenas de livros, opúsculos, colaborações em livros coletivos, direção de obras, edições críticas e prefácios, sobretudo da obra de Capistrano de Abreu. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de Institutos Históricos estaduais, da Sociedade Capistrano de Abreu, da Academia Portuguesa da História, da American Historical Association (EUA), da Royal Academy of History (Inglaterra) e da Sociedade Histórica de Utrech (Holanda).

⁸ GONSALVES DE MELLO, J. A. *Tempo dos Flamengos – Influência da Ocupação Holandesa na Vida e na Cultura do Norte do Brasil*. Recife, Governo do Estado de Pernambuco, 1978

dos etnônimos, das descrições de caráter mais etnográfico ou mesmo especulativo.”(Puntoni, 1997; p.50).

Dentro deste contexto, como tema de monografia de bacharelado, optei por desenvolver, para a citada *Relação*, um “comentário de texto histórico”, que, através de metodologia própria da historiografia acadêmica ¹⁰, pudesse vir a revelar indícios que ajudassem a traçar “o renovado retrato da participação das populações indígenas diante do avanço dos europeus” proposto pelo professor John Monteiro. Tentando, sempre que possível, evitar tratar dos trechos já devidamente analisados, com seus paradigmas próprios, pelos estudos de cunho antropológico. Transcrevemos, ao final, como Anexo 1, nosso texto fonte, incluindo as passagens com enfoque puramente etnográfico – onde se analisam aspectos culturais dos tapuias – para não comprometer a sua integridade. Posto que a nossa leitura se prende não a aspectos isolados de quaisquer dos povos envolvidos, e sim no que possa conter informações sobre a dinâmica da história indígena do período colonial. Não reproduzimos no citado anexo as notas adicionadas na Europa por Claude Morisot, tanto por se restringirem a aspectos não abordados em nossa monografia, quanto pela condenação crítica de diversos autores, inclusive José Honório Rodrigues (Moreau, Baro; p.10), dos comentários deste “erudito de gabinete”.

Os autores da metodologia que adotamos, Frederico Lara Peinado e Manuel Abílio Rabanal Alonso ¹¹, definem um “comentário de texto histórico” como “uma crítica que exige um método e sua correspondente aplicação prática.”, que possibilite “desentranhar o que um autor tenha dito, porquê e aonde. Isto é, buscar a série de

⁹ PUNTONI, Pedro “Tupi ou Não Tupi? Uma Contribuição ao Estudo da Etnohistória dos Povos Indígenas no Brasil Colonial”. In. RISÉRIO, Antônio (Org.) *Invenção do Brasil*. Salvador: MADE, 1997.

¹⁰ LARA PEINADO, Frederico., RABANAL ALONSO, Manuel Abilio. “El Comentario de textos históricos”. In: __. *Comentario de textos historicos*. 4 ed. Lérida: Dilagro, 1987.

anteriores e seus correspondentes conseqüentes para valorar o escrito.”. Adotando a linha teórica para a qual “a História não é um julgar, e sim um compreender e fazer compreender”, acreditam que a meta é fazer compreender a História através da própria compreensão de quem desenvolve a crítica, com o controle consciente das subjetividades, imprecisões e generalizações. (Lara Peinado, Rabanal Alonso; p.14)

Tanto a divisão adotada na apresentação do trabalho, quanto os aspectos abordados em cada uma das partes, procuram seguir, com o maior rigor possível, a estrutura indicada pelo método escolhido. Na “Informação”, além das providências preliminares, procuramos examinar, sucessivamente, a natureza do texto, sua origem, sua cronologia, sua abrangência e contornos históricos, o autor e o lugar de redação. Em seguida, na denominada “Interpretação”, desenvolvemos a verdadeira “crítica” do documento, onde estão analisados tanto os aspectos externos do texto, tais como: literários, credibilidade, intencionalidade, etc., como os internos, divididos estes últimos em dois enfoques: a “valoração” do texto em seu conteúdo, e a sua análise crítica em relação as circunstâncias. Finalizando o comentário, no capítulo “Conclusão”, com a apresentação de diversos aspectos da nossa “compreensão” do texto, tais como o seu sentido geral; em que aspectos seu conhecimento colabora para o conhecimento do momento histórico em que se inscreve; possíveis erros, lacunas ou deficiências detectados, e, de um modo geral, o que for necessário para resumir nossa avaliação sobre o alcance e interesse último do texto.

¹¹ Frederico Lara Peinado, Doutor em História Antiga, Professor Titular da “Universidad Complutense de Madrid”; Manuel Abílio Rabanal Alonso, Doutor em História Antiga, Professor Titular da “Universidad

NOSSO BARCO E PROVISÕES¹²

Numa fase preliminar, primeiramente realizamos uma leitura atenta do texto, com a fixação de seus pontos essenciais, o esclarecimento do significado de expressões imprecisas, o estabelecimento de numeração de referência nos parágrafos e demais providências para assegurar condições de abordar, com sucesso, o comentário. Estando, então, aptos para o desenvolvimento do nosso quadro de instrumentos auxiliares, cuja base é a pesquisa bibliográfica apresentada em seguida.

Nosso trabalho, que pode ser interpretado como uma tentativa de minimizar as dúvidas ante o texto proposto, se baseia na confrontação com os testemunhos da época fornecidos por fontes ou textos paralelos. Apresentamos, em seguida, uma visão geral do material utilizado, primeiramente das crônicas contemporâneas aos acontecimentos narrados, e, em seguida, dos textos auxiliares que encontramos publicados trazendo referências mais específicas relacionadas a nossa problemática. Nossas fontes principais, por se tratarem de relatos de cronistas, requerem uma “crítica de fontes” um pouco mais profunda, posto que, como lembrou Hayden White, o relato é sempre uma metáfora, na medida em que é produto de uma perspectiva sobre o mundo, de uma escolha. Sendo sempre uma representação que depende das visões de mundo, do lugar no mundo, da forma de entendimento do mundo, daquele que o produz¹³ Procuramos registrar, tanto nesta introdução, quanto ao longo do trabalho informações relativas aos contextos respectivos de nossos cronistas.

de Leon”.

¹² Correspondendo a fase “Informação” do método de Lara Peinado e Rabanal Alonso.

¹³ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1995

Como se pode constatar na leitura do “Prefácio do Autor” de *Tempo dos Flamengos*¹⁴, ou ainda da *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil*, de José Honório Rodrigues¹⁵, existe, além de uma extensa bibliografia, farta documentação sobre o período de dominação neerlandesa do nordeste brasileiro, tanto no Brasil, quanto no exterior¹⁶. Ao lado destas coleções de documentos, há entre os livros do período, os que Gonsalves de Mello chama de “*quase clássicos*” : Nieuhof, Moreau e Barleus¹⁷, e, entre os luso-brasileiros, o de Duarte de Albuquerque Coelho; “classificação” esta que serviu como critério final para delimitar as crônicas que utilizamos como base para o cruzamento de dados envolvido em nosso “comentário”. Em seguida, algumas informações sobre estes autores e suas respectivas crônicas.

NIEUHOF, Joan *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Belo Horizonte / São Paulo: Ed. Itatiaia / Edusp, 1981. Traduzido do Inglês por Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica biográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues

José Honório Rodrigues, na “Introdução” da referida edição, nos informa que Joan Nieuhof, nascido em Ulsen, no condado de Benthem, na Westfália, veio para o Brasil em 1640, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, e aqui chegou aos 15 de dezembro daquele ano. Ficou em Pernambuco até 23 de julho de 1649, quando embarcou de volta para a Holanda, lá chegando a 19 de setembro. Ficou no Brasil 8 anos e 5 meses, “o suficiente para dar ao seu livro o caráter fidedigno que ele possui,

¹⁴ (Gonsalves de Mello; p.21-33)

¹⁵ RODRIGUES, José Honório *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949

¹⁶ No Brasil, principalmente na Biblioteca Nacional, no IHGB e no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; no exterior, a maior concentração está na Holanda: “Koninklijk Huisarchief” (Haia); “Universiteitsbibliotheek te Leiden”; “Gemeente Archief” (Amsterdam), e “Archief van de Hervormde Gemeente” (Amsterdam)

¹⁷ Gonsalves de Mello inclui ainda o *Iaerlyck Verhael van de..., de* Johannes de Laet, com primeira edição em 1647, sobre o período dos seis primeiros anos da conquista, do qual incluímos citações indiretas.

como a melhor fonte do lado holandês, dos quatro anos do governo nassoviano, e do pós-nassoviano constituído por um triunvirato incompetente.” Apesar de conter de tudo: geografia, história natural, etnografia e a história do domínio holandês no Brasil, sua força maior consiste no estudo das razões da “revolta dos luso-brasileiros” contra a dominação holandesa com transcrição de documentos. A descrição dos índios, seus usos e costumes, tornou sua obra uma importante fonte para a etnografia nacional, principalmente no que se refere aos tapuias. Nos trechos dedicados a botânica, zoológica ou medicinal, Nieuhof recorreu, segundo Rodrigues, aos trabalhos de Marcgrave e Piso ¹⁸, “os primeiros e maiores médicos que escreveram sobre o Brasil do século dezessete.” Ao contrário de Barleus, que era “escritor de nomeada” em sua terra, Nieuhof não é senão um agente comercial, um servidor da Companhia, transformado em cronista, não tendo, portanto, sua obra a elaboração refinada do livro de Barleus. Para Rodrigues, o “*Memorável...*” é um dos livros holandeses essenciais sobre a revolta luso-brasileira contra o domínio holandês. Nieuhof, alemão, e Moreau, francês, são “as duas testemunhas mais autênticas e fidedignas na divulgação e interpretação do ponto de vista holandês sobre a rebelião luso-brasileira”. (Nieuhof; p. 13-18)

MOREAU, Pierre., BARO Roulox. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias*. Belo Horizonte / São Paulo: Ed. Itatiaia / Edusp, 1979. Tradução e notas por Leda Boechat Rodrigues. Nota introdutória por José Honório Rodrigues.

Sobre o cronista Pierre Moreau, nossa fonte, assim como para Nieuhof, é José Honório Rodrigues, o qual, em sua “Nota Introdutória” para a edição que utilizamos, registra que pouco se sabe de sua vida, além do que aparece em sua obra, especialmente

¹⁸ Guilherme Piso e George Mcgrave. *Historia Naturalis Brasiliae*. Leide, 1648. 1ª. trad. Brasileira, São Paulo, Imprensa Oficial, 1942.

na dedicatória e no prefácio. Nos informando, como podemos resumir, que estando Moreau convencido de que não se aprende só com os livros, deixou-se levar pela doce paixão de viajar para conhecer pessoalmente o que existia de louvável e censurável nas outras nações. Dirigiu-se à Holanda, “verdadeiro ponto de encontro dos que tencionam dirigir-se às regiões distantes”, soube da revolta pernambucana contra os holandeses, exercitou-se nas armas, ofereceu-se para participar da expedição que iria ao Brasil, foi apresentado aos Senhores do Conselho que vinham governar o Brasil Holandês, e escolhido para ser secretário de Michael van Goch, que em 1645 fora nomeado, juntamente com Walter van Schonenburgh e Hendrik Haecxs, para compor o referido governo do Brasil Holandês. Era livre para voltar quando quisesse, e retornou passados dois anos. Diz ter refletido muito sobre os horrores da guerra e sua crônica espelha a história sangrenta do domínio holandês no Brasil. Rodrigues chama ainda a atenção para o fato de que Moreau, ao contrário dos cronistas portugueses anteriores, que diziam ser o Brasil um paraíso terrestre, tem uma visão pessimista e torturada. Especialmente no trecho do prefácio onde assinala o caráter sangrento dos dois primeiros séculos, com os portugueses massacrando índios, as lutas com os franceses, os holandeses e os espanhóis, com grande derramamento de sangue. Registrando, ainda, que as obras de Moreau (e Baro) “*sempre gozaram de boa reputação na historiografia brasileira*”, acrescentando referências elogiosas de Francisco Adolfo Varnhagen, José Antônio Gonsalves de Mello, C. R. Boxer e Evaldo Cabral de Mello. (Moreau, Baro; p.8-10)

Deve-se o registro da relação da viagem de Roulox Baro à iniciativa do cronista Pierre Moreau de traduzi-la do original em flamengo e oferecê-la para publicação junto com a sua *História das últimas lutas...* ; onde assim a ela se refere : “*A relação da viagem feita por Roulox Baro ao país do Janduí, do que tratou com ele, as conversas que junto tiveram, o que ele viu a respeito das maneiras e cerimônias desse povo se lerá*

adiante, segundo a tradução que fiz do flamengo, à qual me reporto, e que ajuntei separadamente no fim do presente discurso, como uma curiosidade para o leitor, e passo a ocupar-me da frota enviada ao Rio São Francisco.” (Moreau,Baro;p.66)

BARLEUS, Gaspar *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1980. Fac-símile da edição do Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940. Tradução e Notas de Cláudio Brandão.

Texto escrito por Gaspar Barleus, forma aportuguesada de Kaspar van Baerle, por encomenda de João Maurício de Nassau, para registrar os seus oito anos como governador do Brasil Holandês (1637-1644), enviado pela Companhia das Índias Ocidentais. O autor, como nos informa Leonardo Dantas Silva, na “Nota do Editor” da edição que utilizamos, nasceu em Antuérpia a 12 de fevereiro de 1584, e faleceu em Amsterdam a 14 de janeiro de 1648, foi poeta, literato e teólogo. Exerceu as funções de Pastor, em Nieuwe Tonge (1608); Vice-Regente do Colégio Estatal de Lieden (1612) e professor de Lógica (1618). A obra editada em latim, em Amsterdam (1647), através do impressor João Blaeu, foi traduzida, mas não no seu texto integral, para o alemão em 1659, e, na sua integralidade, para o holandês em 1923, por Samuel Pierre L’Honoré e para a nossa língua, em 1940 pelo Prof. Cláudio Brandão.

Na introdução, a cargo de José Antônio Gonsalves de Mello, encontramos informações complementares sobre Barleus e sua obra, as quais condensaremos em seguida. Ao contrário de Nieuhof e Moreau, Gaspar Barleus nunca esteve no Brasil. Para a execução do seu trabalho, contou com a documentação reunida pelo Conde em sua estada em Pernambuco, com informações relatadas diretamente por Nassau, além de

depoimentos de um português, amigo pessoal de João Maurício: Gaspar Dias Ferreira. Ao seu nome prestigioso no campo das letras e ao tema brasileiro deve-se a divulgação deste livro no restrito mundo intelectual português do século XVII, onde as publicações holandesas eram temidas pelas idéias heréticas que podiam difundir. Mesmo assim, esta *História* foi conhecida e citada por D. Francisco Manuel de Melo no *D. Teodósio* (1648) e por Francisco de Brito Freyre, a quem serviu de paradigma para realizar uma das obras primas da arte gráfica portuguesa, que é a *Nova Lusitânia História da Guerra Brásilica* (1675). No Brasil, somente a partir do século XIX o livro começou a merecer atenção, quando ocorrem as primeiras tentativas de tradução; tendo Varnhagen utilizado-o na sua *História do Brasil* (1854).

ALBUQUERQUE COELHO, Duarte de *Memórias diárias da guerra do Brasil 1630-1638*. Recife: Secretaria do Interior, 1944

A obra do Marquês de Basto, donatário da capitania de Pernambuco, Duarte de Albuquerque Coelho, cuja primeira edição é de 1654¹⁹, foi apontada por Gonsalves de Mello como documento da maior importância enquanto “crônica pernambucana” da guerra, onde, além de registrar o ânimo dos naturais da terra em defender “a sua capitania, os seus engenhos, as suas capelas, os seus rios...”, esta repleto de “nomes de pessoas, de lugares, de engenhos pernambucanos e paraibanos.”(Gonsalves de Mello;p.30). Dando uma especial atenção às informações de caráter militar; especialmente com a “estratégia de guerra lenta”, adotada pelo “exército pernambucano”; aborda episódios envolvendo os tapuias particularmente nos registros

¹⁹ ALBUQUERQUE COELHO, Duarte de. *Memorias diarias de la guerra del Brasil, por discurso de nueve años, empeçando desde el de MDCXXX*. Madrid: Diego Diaz de Carrera, 1654

referentes a 1634 e 1637, servindo, entretanto, em sua totalidade, como contraponto às outras crônicas utilizadas, provenientes “do lado de lá”.

A partir de 1886, com a entrega por José Hygino Pereira (1847-1901) ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano da documentação trazida, em cópia, da Holanda – tornando-o, desde então, o possuidor da “*mais completa coleção existente, fora da Holanda, de documentos sobre o período da dominação holandesa do nordeste brasileiro*”, conforme nos informa Gonsalves de Mello – uma série de traduções e estudos detalhados seriam produzidos para jornais e revistas históricas, tanto pelo próprio José Hygino, quanto pelo seu “seguidor próximo” Alfredo Ferreira de Carvalho (1870-1916), abordando aspectos determinados revelados pela riqueza do material reunido (Gonsalves de Mello; p.21-22) Em nosso trabalho, utilizamos uma coletânea de textos deste último, organizada por Eduardo Tavares, publicada em 1929, com o título de *Aventuras e Aventureiros no Brasil* ²⁰, onde foi reproduzido o artigo *Um Intérprete dos Tapuias* ²¹, tratando das atividades de Jacob Rabbi, intérprete dos tapuias antes de Baro, bem como a tradução, inédita, do inquérito sobre o assassinato de Jacob Rabbi.

Entre 1934 e a publicação de seu *Tempo dos Flamengos* (1944), José Antônio Gonsalves de Mello não só retomou e completou, “página por página”, a análise da documentação trazida por José Hygino ²², como examinou os documentos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, copiados na Holanda por iniciativa de Joaquim Caetano da Silva, além do material recolhido na Biblioteca Nacional. (Gonsalves de

²⁰ CARVALHO, Alfredo de *Aventuras e Aventureiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Paulo Pongetti & Cia., 1929.

²¹ CARVALHO, Alfredo de. “Um Intérprete dos Tapuias”. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. XIV, n. 78, 657-667

²² Como registra Gonsalves de Mello: “Desde a morte de Alfredo de Carvalho, em 1916, - de fato, desde 1910, quando deixou de colaborar em revistas e jornais – os documentos trazidos da Holanda dormiram nas estantes do Instituto Arqueológico de Pernambuco. Fui encontrá-los empoeirados e roídos de bicho, com as encadernações soltas, alguns exemplares com falta de páginas.” (Gonsalves de Mello; p.22)

Mello; p.21). Esta intensa atividade de pesquisa associada ao exame da vasta bibliografia sobre o período de dominação holandesa em Pernambuco resultou em um trabalho que, nas palavras de Gilberto Freyre: “*junta-se às melhores obras de pesquisa histórica e de interpretação sociológica do passado brasileiro. Sobre o “tempo dos flamengos” no Brasil é a sua obra mais completa, mais minuciosa e mais compreensiva que hoje existe em qualquer língua.*”²³ Apesar de contar com um capítulo – “Atitude dos holandeses para com os índios e a catequese” (p.197-225) – tratando especificamente da questão central do documento que estudamos, encontramos, e utilizamos, informações preciosas ao longo de toda a obra, tornando-a uma espécie de “viga-mestra” para a construção de nossa monografia. Desta fonte incluímos algumas referências a documentos da coleção “*Dagelijksche Notulen*” (Dag. Notule), uma das trazidas por José Hygino e analisadas pioneiramente por Gonsalves de Mello, acrescentando o número da página da citação original.

Versando sobre a “Guerra dos Bárbaros”, denominação dada a um conjunto de sublevações indígenas contra a invasão de suas terras pelos colonizadores da região sertaneja do Nordeste, ocorrido entre meados do século XVII e início do século XVIII, ou seja, em sequência a saída dos holandeses, período imediatamente posterior ao dos acontecimentos relacionados ao nosso documento, utilizamos dois estudos: a tese de mestrado de Maria Idalina da Cruz Pires (1989)²⁴, *Colonização e Conflito: O Povoamento do Sertão Nordestino e a “Guerra dos Bárbaros”*, e a tese de doutorado de Pedro Puntoni (1998)²⁵, *A Guerra dos Bárbaros*. Em ambos os trabalhos encontramos a

²³ Gilberto Freire no Prefácio à edição de 1944 (Gonsalves de Mello; p.13-20)

²⁴ PIRES, Maria Idalina da Cruz. *Colonização e Conflito: O Povoamento do Sertão Nordestino e a “Guerra dos Bárbaros”*. Tese de mestrado defendida na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989

²⁵ PUNTONI, Pedro. *Guerra dos Bárbaros*. Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

indicação de que, nas palavras da primeira autora, “*este território (o sertão) só foi assegurado pelos colonizadores após a guerra que se moveu contra os “bárbaros”, isto é, os indígenas Tapúya habitantes da região.*” (Cruz; p.13); assim como um levantamento detalhado sobre o debate entre os pesquisadores procurando identificar detalhadamente os grupos indígenas efetivamente envolvidos, bem como sobre os processos que determinaram suas presenças na região.

Também encontramos informações específicas para nosso trabalho nos seguintes estudos: CASCUDO, Luiz da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1984; DANTAS, B. *et alii*. “Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico”. In. CUNHA, Manuela C. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; TEENSMA, B.N. “O Diário de Rodolfo Baro (1647) Como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte”. *Revista Ethnos*. Ano II, n. 3 Jul/Dez 1998, e BOOGAART, Ernst van den. “Infernal Allies: The Dutch West Índia Company and the Tarairiu – 1631 – 1654. In. Galindo M., Almeida, L. F. (Editores) *Índios do Nordeste: Temas e Problemas*. Maceió, EDUFAL, 2000.²⁶ A literatura adicional utilizada, como, por exemplo, para o esboço do “contorno histórico”, estará referenciada ao longo do texto.

Escolhidos nossos textos de apoio, passamos à escolha, segundo as especificidades do texto, do método a ser utilizado, no que se refere a estrutura interna do comentário. Dentre os três métodos possíveis, segundo a metodologia adotada – literal, lógico e misto – escolhemos, pelas características da nossa fonte, o misto, o qual, como o próprio nome sugere, indica que estruturaremos nosso estudo com método lógico – determinando as idéias básicas – para aplicar depois o linear, analisando, passo a passo, as idéias básicas que conseguimos agrupar.

Concluídas as providências preliminares, passamos então para a fase denominada “Informação”, onde examinamos sucessivamente a natureza do texto, sua origem, sua cronologia, sua abrangência, seus contornos históricos, seu autor e seu lugar de redação.

Segue-se a transcrição da “Folha de rosto” (Moreau,Baro;p.91) e dos oito primeiros parágrafos (Moreau,Baro;p.92) do documento. Cabe aqui registrar que a numeração dos parágrafos, que aparece entre parênteses, serve exclusivamente para efeito de referência neste comentário, não constando de nenhuma edição deste documento. Registre-se, também, que, segundo informa a tradutora, os parágrafos originais foram alterados “*para tornar mais leve a impressão*” (Moreau,Baro;p.13). Como informado na “Apresentação”, acompanha esta monografia uma transcrição do nosso texto fonte (Anexo 1), estando as futuras referências ao mesmo identificadas pelo número da página do anexo, em romanos, seguida do número atribuído ao parágrafo.

(Folha de rosto)

RELAÇÃO DA VIAGEM DE ROULOX BARO

INTERPRETE E EMBAIXADOR

Ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, da parte dos ilustríssimos Senhores das Províncias Unidas, ao país dos tapuias, na terra firme do Brasil.

²⁶ Agradeço ao Prof. Marcus Galindo, da Universidade Federal de Pernambuco, a cópia fornecida deste artigo do Boogaart, via Internet

Começada no dia três de abril de 1647 e terminada no dia quatorze de julho do mesmo ano.

Traduzida do holandês para o francês por PIERRE MOREAU, de Paray em Charolois

(Primeiros oito parágrafos)

- (1) *Interprete e embaixador ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, da parte do Ilustríssimo Senhores das Províncias Unidas, ao país dos tapuias, na terra firme do Brasil.*
- (2) *Começada a três de abril de 1647 e terminada a 14 de julho do mesmo ano.*
- (3) *No dia 3 de abril de 1647 recebi dos nobres e poderosos Senhores Presidente e Conselheiros que representam o alto e soberano governo do Brasil, em nome dos altíssimos e poderosíssimos Estados Gerais das Províncias Unidas dos Países Baixos, Sua Alteza o Príncipe de Orange e a nobre Companhia das Índias Ocidentais, ordem de dirigir-me ao país dos tapuias, vizinhos do governo do Rio Grande, a fim de com eles tratar, segundo as instruções contidas na minha comissão.*
- (4) *Preparei-me imediatamente para partir e tomei para acompanhar-me João Straffi, brasileiro, três tapuias e quatro cães, para termos em caminho com que caçar e obter alimentos.*

- (5) *Saímos no dia seguinte do lugar denominado Incareningi, situado na mencionada província do Rio Grande, onde eu morava, e passamos em frente à casa do Tenente-Coronel Garstman, que fica próxima ao Rio Camaragibe, e como não pudéssemos atravessá-lo a nado, por ser muito largo, tomamos o caminho da Campina, à direita; onde dormimos.*
- (6) *No dia seguinte, 5 de abril do dito ano de 1647, fomos obrigados a voltar e dormir em minha casa, impedidos de prosseguir devido ao transbordamento das águas.*
- (7) *No dia 6 mandei alguém verificar se poderíamos passar pelas minhas roças para nos dirigir-mos à aldeia dos brasileiros e fui informado de que seria possível fazê-lo a nado.*
- (8) *No dia 7 fomos à dita aldeia, mas ninguém quis atravessar o rio conosco, pois a água estava tão alta que inundava todo o campo, que de si já era deserto, possuindo poucos arbustos e árvores, sendo chamado comumente por uma palavra espanhola de Campinos.*

Uma leitura deste primeiro trecho apresentado nos indica, a princípio, que se trata de uma “*RELAÇÃO DA VIAGEM*” (texto documento); originado de um “*INTERPRETE E EMBAIXADOR Ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, da parte dos ilustríssimos Senhores das Províncias Unidas, ao país dos tapuias, na terra firme do Brasil*” (poder ou autoridade pública)²⁷; e datado – “*Começada no dia três de abril de 1647 e terminada no dia quatorze de julho do mesmo ano.*”. Na página 66 de sua crônica, Moreau confirma todos estes dados, ajudando ainda na definição de sua

²⁷ Sobre a qualificação de Baro, mais detalhes na síntese biográfica apresentada ainda nesta fase.

abrangência – aspectos regionais da história local do Brasil holandês – e de seus contornos históricos: *“Quando o Conselho do Recife soube de tudo isso e ficou certo da boa vontade de Janduí para com ele, temeroso que o mesmo se deixasse conquistar e desejando conservar sua aliança, decidiu enviar-lhe Roulox Baro, que lhes servia comumente de intérprete, o qual, tendo convivido desde a sua juventude com os tapuias, sabia perfeitamente sua língua e era muito querido deles. Este devia agradecer-lhe em seu nome a amizade que lhes dispensava e, em testemunho da sua, presenteá-lo de sua parte com machados, machadinhas, facas, espelhos, pentes e objetos semelhantes, ao mesmo tempo que deveria demonstrar-lhe os embustes e infidelidades dos portugueses, convidando-o a não nos abandonar.”* Como veremos detalhadamente adiante, a missão relatada em nosso documento tinha sido motivada, segundo Moreau, pelas notícias de que alguns tapuias e brasileiros dissidentes de Janduí²⁸ haviam deixado o partido holandês, adotando o dos portugueses, *“não só devido a morte de Jacob Rabbi (5 de abril de 1646), como porque não lhes haviam querido entregar Garstman.”* (Moreau, Baro; p.66).

Um pequeno quadro dos grupos envolvidos nos processos relacionados ao nosso documento, pode ser montado através da visão dos cronistas. Joan Nieuhof, analisando a “população do Brasil”, afirma que a encontrou, “atualmente”, dividida em indivíduos livres e escravos, destacando, porém, que essas classes eram compostas de diversas nações, “tanto nativas quanto alienígenas” Considerando, ainda, que os homens livres eram os holandeses, os portugueses e, com certas exceções, os nativos do país; enquanto os escravos eram negros e indígenas cativos – *“comprados no Maranhão, dentre prisioneiros de guerra, ou adquiridos aos tapuias que também escravizavam ou*

²⁸ Quanto as grafias de certos nomes próprios, que aparecem de diversas formas nos diferentes documentos, optei por adotar apenas uma delas para todas as referências. Por exemplo, “Janduí” pode ser encontrado, de acordo com a fonte utilizada, como: “Jan Duwy”, “Jan de Wy”, “Jandovi”, “Jandovius”,

executavam, segundo seus costumes guerreiros” (Nieuhof; p.334). Os nativos eram os tupis – ou brasileiros, como são chamados nos documentos holandeses – e os tapuias; incluindo nessa denominação diversas nações, tanto entre os brasileiros quanto entre os tapuias. Os tapuias – que em tupi significa estranhos à sua tribo; que não falavam o tupi – habitantes do interior: *“ao poente das regiões que se acham sob o domínio dos portugueses e holandeses, entre o Rio Grande, o Rio Ceará e o São Francisco”*; divididos em diversas nações: *“que se distinguem tanto pela língua como pela denominação”*, alimentavam *“ódio mortal”* pelos portugueses e, por isso: *“onde os encontravam, matavam-nos na certa.”* Registrando, ainda, que: *“Diversas nações tapuias, principalmente as que estavam sob a autoridade de Janduí, mantinham boas relações com os holandeses com os quais prestaram bom auxílio em várias ocasiões, enquanto se não submetessem a estes..”* (Nieuhof; p.359).

Para Pierre Moreau, os holandeses que, estrategicamente, *“para garantir as afeições e a amizade de todos os brasileiros e tapuias que os portugueses escravizavam, tornaram pública a proibição de retê-los ou cativá-los sob pena de morte”*, serviram-se de uns e de outros, *“e tendo-os muito bem entrosados, seu exército realizava com eles maravilhosos progressos”*.. Os brasileiros, que para o cronista eram criados na indolência, *“não tendo outro cuidado senão beber e comer”*, em face deste *“rico presente de sua liberdade restituída ”* voluntariamente ofereceram *“seus serviços a seus benfeitores, os quais, habitualmente, cumulavam-nos de pequenos presentes, ensinaram aos brasileiros o manejo das armas e a bem atirar com elas.”* Os tapuias, ainda segundo Moreau, nunca puderam acostumar-se ao uso do fuzil, levando apenas *“clavas largas e chatas na ponta, feitas de uma madeira dura com as quais partem um homem ao meio com um só golpe”*; e, sendo uma nação *“mais brutal”*, costumam viver

“Iandovin”, “Joan de Wy”, “João Wy”, “Iandhuy”, etc O mesmo ocorrendo com “Jacob Rabbi” e

completamente nus nas matas, “*como vagabundos*”, e mesmo os encontrados em aldeias e vilas “*se locomovem de seis em seis meses para serem mais sadios e andam por todos os lados*”.(Moreau, Baro; p.25-26).

Registrando como “*observações dos europeus, que a esperança de enriquecer leva lá.*”, Gaspar Barleus informa sobre os brasileiros que: “*Depois de se haver introduzido entre esses selvagens a religião e os estudos das artes liberais, foram distribuídos em aldeias e vilas os que moram à beira-mar, e adotaram os costumes dos europeus...*”; enquanto sobre os tapuias – “*gentio do sertão e todo aquele que conserva os costumes pátrios*” – seriam mais feras do que homens, “*avidíssimos de vingança e de sangue humano*”, considerando inimigos os desconhecidos que com eles vão ter, não teriam seus espíritos temperados “*com boas leis algumas, com cultura alguma*”, obstinando-se “*em guardar o caráter conforme aos costumes e ao natural dos seus maiores*”.(Barleus; p.24-25)

No que, segundo Gonsalves de Mello, pode “*vislumbrar-se um plano militar, de defesa*”, os holandeses, contando já, desde 1631, com o apoio de Janduí no Rio Grande, que garantia postos avançados no extremo norte, procuraram, com Nassau, estabelecer alianças com os tapuias do rio São Francisco – fronteira sul – e ainda com as tribos do oeste, em direção do sertão, protegendo as vias de penetração no território holandês. (Gonsalves de Mello; p.202). Maurício de Nassau, em carta reproduzida por Barleus, relata os termos do acordo que presenciou com os tapuias do São Francisco, chamando a atenção para o “horror” que estava envolvido: “*exprimimos mutuamente os nossos pensamentos, principalmente este: que impedissem os portugueses moradores da outra banda do rio de o atravessarem e trucidassem aqueles que o tentassem. Compreenderam estas horríveis palavras e consentiram no pedido.*” (Barleus; p.45).

Sobre a “estrutura administrativa” dos brasileiros nos domínios da Companhia, reproduzimos uma descrição constante do “*Relatório sobre o estado do Brasil, apresentado aos Diretores da Companhia pelo conselheiro van der Dussen*”, de 1639, transcrito por Gaspar Barleus em sua crônica:

“Põem à frente de cada uma de suas aldeias um chefe, mais para exemplo e admiração do que para mandar. Designam um principal para cada uma das casas, ao qual obedecem espontaneamente, aprendendo da natureza que não se pode reger uma multidão sem a concórdia entre governadores e governados. Além disso, a cada uma das aldeias preside um capitão holandês, que tem por ofício avisar dos trabalhos os preguiçosos e os tardos, e acautelar que não sejam fraudados de sua paga pelos senhores de engenho.” (Barleus; p.132)

As informações específicas, referentes as questões básicas a serem comentadas, serão introduzidas na próxima fase, “Interpretação”. Estas questões envolvem diretamente o relacionamento entre os brasileiros, tapuias, luso-brasileiros e os da Companhia. Para um enquadramento histórico mais amplo, indicamos a leitura dos seguintes textos: ABREU, J. Capistrano de *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu & Livraria Briguet, 1954; BOXER, C. R. *O Império Marítimo Português. 1415-1825*. Lisboa: Edições 70, s/data; BOXER, C. R. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola 1602-1686*. São Paulo: Cia. Editora Nacional / Edusp, 1973; MELLO, Evaldo Cabral de *Olinda Restaurada*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1998; MELLO, Evaldo Cabral de *O Negócio do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1998; HOLANDA, Sergio Buarque de *História Geral da*

Civilização Brasileira, Tomo 1 Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989; e, MELLO, José Antônio Gonsalves de *Tempo de Flamengos*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco. 1978.

A *Relação* é a única obra conhecida de Roulox Baro, sendo sua publicação, conforme já registramos, de responsabilidade de Pierre Moreau que a traduziu do flamengo e ofereceu para edição, junto com sua “*História das Últimas Lutas...*”, em Paris (1651) ²⁹. As pesquisas de B. N. Teensma, professor aposentado do Departamento de Línguas e Culturas da América Latina da Rijksuniversiteit , Leiden, Países-Baixos, indicam que no começo de 1617, o navio neerlandês Blauwe Zee (Mar Azul) saiu de um porto na província de Zelândia, no sul dos Países Baixos com destino ao Brasil, onde, ao aportar no litoral fluminense foi capturado por índios sob comando português. Entre os sobreviventes se encontravam o capitão Dierick Ruiters e o grumete Roulox Baro com apenas sete anos de idade. As autoridades portuguesas mandaram o pequeno “Rodolfo” para uma aldeia de Índios no interior, e o capitão Ruiters à Salvador, capital da Bahia, então capital da província para ser interrogado. Entre os indígenas, Roulox Baro, no decorrer dos anos, sem dúvida teria apreendido o tupi e a Língua Geral, como talvez também algum português elementar. O capitão, depois de algum tempo, conseguiu evadir-se e regressar à Holanda.³⁰

Segundo nos informa José Antônio Gonsalves de Mello, Baro entrou a serviço da Companhia em 12 de agosto de 1643 (Dag. Notule dessa data), tendo porém, anteriormente, prestado serviços a mesma como explorador de terras brasileiras referidas como “*terras a oeste de Terra Nova*” (Dag. Notule de 6 de agosto de 1643). A admissão ao serviço da Companhia foi naturalmente um prêmio às suas qualidades de

²⁹ *Histoire des derniers troubles du Brésil. Entre les hollandais et les portugais*. Paris: Chez Augustin Coubre, 1651. 212 p.

desbravador: foi contratado com o soldo de alferes “para realizar novas explorações pelo interior” (Dag. Notule de 12 de agosto de 1643). . Serviu à Companhia até 1648 tendo realizado várias viagens ao “país dos tapuias”, a cujo serviço estava em 19 de agosto daquele ano, quando pediu demissão, o que lhe foi concedido (Dag. Notule dessa data). Para o seu lugar foi nomeado Pieter Persijn (Dag. Notule de 20 de agosto de 1648). Baro solicitou licença para ir criar gado no Rio Grande , o que o Conselho indeferiu. Em 1650 Baro já era falecido (Dag. Notule de 14 de dezembro de 1650) e a sua viúva, na Holanda, requeria o pagamento de seus soldos em atraso. O seu falecimento teria ocorrido no mesmo ano de 1648, como parece indicar a carta do Cons. dos XIX ao Conselho Supremo, datada de 30 de agosto de 1650. Baro nasceu cerca 1610 e casou em Amsterdam em 15 de outubro de 1644 .(Gonsalves de Mello; p.202-203).

Entre as missões de Baro para a Companhia, registra ainda Gonsalves de Mello a destruição de um dos Palmares, causando a transferência dos negros para um novo Palmares, assim resumindo o conteúdo da “*Dagelijksche Notulen*”:

“A 2 de fevereiro o Conde de Nassau recebia notícias de Baro, por carta datada de Porto Calvo de 25 de janeiro de 1644. Contava ele que pretendendo atacar o “pequeno Palmares”, achou-se imprevistamente em frente ao “grande Palmares” que investiu em seguida. A luta pela posse do quilombo foi dura, tendo Baro contado cem negros quilombolas mortos. De seu lado houve um morto e quatro feridos. O sítio foi incendiado, tendo sido feito ali 31 prisioneiros, entre os quais sete índios tupis (brasilianos) e alguns mulatinhos (“mulaetjens”). O quilombo estava cercado por duas ordens de estacas e “era tão grande que nele moravam quase 1000

³⁰ TEENSMA, B.N. “O Diário de Rodolfo Baro (1647) Como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte”. *Revista Ethnos*. Ano II, n. 3 Jul/Dez 1998

famílias, além dos negros solteiros”. Em volta da estacada “havia muitas plantações de mandioca e um número prodigioso (‘wonderbaer’) de galináceos, embora não possuísem qualquer outro animal de maior vulto”, sendo que “os negros viviam ali do mesmo modo que viviam em Angola”. (Dag. Notule de 2 de fevereiro de 1644) ³¹

No que se refere ao lugar de redação, última averiguação dentro da fase de informação, nosso texto não oferece grandes dificuldades. No sentido geográfico, ainda que não se encontre registrado em Moreau, tradutor e responsável por sua publicação em Paris, nem no próprio texto, podemos concluir ter sido redigido na própria região onde os fatos narrados ocorreram, o Brasil Holandês, com base nos registros, já mencionados, que indicam ter Baro falecido sem retornar à Europa. No sentido social, podemos concluir ter sido em ambiente administrativo, como um relatório de um funcionário para seus superiores.

³¹ Gonsalves de Mello; p.186

A VIAGEM EM SI³²

Realizada a primeira fase – informação do texto – das três que formam a metodologia escolhida, passaremos a fase denominada “Interpretação”, considerada a mais complexa em virtude da grande variedade de textos históricos que nos podem apresentar, ou que podemos encontrar. Para os autores do método, Frederico Lara Peinado e Manuel Abílio Rabanal Alonso, interpretar um texto histórico é, ao mesmo tempo, compreendê-lo, criticá-lo e saber dar a adequada explicação, avaliando todo o seu conteúdo, incluindo, também, as matizações oportunas, coadjuvantes para a plena clarificação histórica. (Lara Peinado, Rabanal Alonso; p.30).

Para a realização desta segunda fase nos fixamos primeiramente nos aspectos externos do texto, ou seja, uma análise do texto quanto a sua expressão; quanto ao seu testemunho; o exame das fontes e/ou ciências auxiliares utilizadas na sua produção; o tipo de história empregado e finalmente a metodologia empregada.

No que se refere a sua expressão, ou seja os seus recursos gramaticais e literários, temos as limitações decorrentes do fato de estarmos trabalhando com uma tradução para o Português, realizada nos anos cinquenta do século passado, com base em uma versão em francês de um texto redigido originalmente em flamengo, sendo estes dois últimos idiomas em suas versões correntes no século dezessete. Por outro lado, talvez por se tratar de um relatório diário de viagem, produzido com a “objetividade” de um funcionário, cujas funções eram de área completamente alheia ao

³² Correspondendo a fase “Interpretação” do método de Lara Peinado e Rabanal Alonso

exercício de sofisticações literárias, a autora da tradução só tenha registrado dificuldades com relação à nomes próprios e geográficos, além dos nomes indígenas. Ou seja, sem apontar nenhuma insegurança quanto a representação da dinâmica dos acontecimentos, nosso alvo neste comentário. Segundo B. N. Teensma, muitos nomes de lugares, pessoas e produtos exóticos foram mal decifrados e mal reproduzidos pelos tradutores, citando vários exemplos de nomes indígenas estropiados, acrescentando, dentro de sua visão antropológica, que: “Até ao fim do século vinte, os historiadores não foram capazes de reconhecer tais erros ortográficos, com resultados dramáticos para a sua interpretação textual”³³.

Quanto ao seu testemunho – uma avaliação da credibilidade do que o texto transmite, uma averiguação sobre a possibilidade do que afirma o autor – temos, a princípio, as indicações das viagens anteriores a serviço da Companhia, já referenciadas na síntese biográfica, e o registro de Moreau sobre esta viagem específica, como argumentos positivos da idéia de que Baro descreve uma viagem que realizou pessoalmente. Assim, não temos fontes, nem depoimentos anteriores, de onde o autor tivesse se abastecido, para se validar. O registro de Moreau, que nos referimos, afirma: *“Roulox Baro encontrou Janduí disposto a permanecer sempre seu amigo e ser-lhes fiel no futuro, como fora no passado, apesar dos agrados que lhe tinham feito os portugueses para conquistá-lo para o seu lado; não o conseguindo, tinham-lhe ódio e declararam-se, com os outros tapuias e brasileiros descontentes, seus inimigos mortais e ameaçavam e aos seus de destruição, conservando-os em perpétuo alarme e receosos de alguma surpresa.”*(Moreau, Baro; p.66). Considerando, que em qualquer depoimento o autor pode equivocar-se ou deformar sua narração por motivos conscientes ou inconscientes, cabe registrar que a situação de instabilidade entre os grupos indígenas na

³³ TEENSMA, B.N. “O Diário de Rodolfo Baro (1647) Como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio

região, bem como as eventuais citações específicas, tais como a morte de Jacob Rabbi e “os acontecimentos do Ceará”, constam de diversas fontes em descrições compatíveis às do nosso texto, como será visto adiante. A análise da possível influência das circunstâncias externas - o momento concreto que vivia o autor - sobre o conteúdo do texto será desenvolvida na interpretação dos aspectos internos.

A rigor, devemos ter em mente, em relação às declarações atribuídas aos agentes que falavam a língua dos tapuias, possíveis erros de interpretação de Baro. Não apenas pelo sempre presente risco do erro humano, mas pela eventual necessidade da utilização de intérpretes, já que, se por um lado temos a afirmação de Moreau de que Baro: “*tendo convivido desde a sua juventude com os tapuias, sabia perfeitamente sua língua*” (Moreau, Baro; p.66), as pesquisas de B. N. Teensma indicam que Baro foi criado por tupis, sendo também nesta língua todas as referências a nomes indígenas em seu relatório

A intencionalidade, enquanto aspecto externo, ou seja os motivos que levaram a produção do texto, não apresenta grande complexidade de avaliação no nosso caso. Como relatório de uma determinada missão desempenhada, enquadra-se como um testemunho voluntário, necessidade de informar algo. Entre as possíveis intencionalidades de História, pode ser classificada como “Narrativa”, onde o autor: “se propõe, sem maior complicação, servir de testemunho, narrando o que de interessante possa haver em um momento determinado ou em torno de um fato concreto.” (Lara Peinado, Rabanal Alonso; p.32).

Dentre os enfoques metodológicos revelados pela articulação interna do nosso documento, o que melhor se adapta seria o “misto”, onde temos uma mescla de três tipos de estrutura interna. Em partes do texto, que ficaram fora do presente estudo,

encontramos um enfoque “etnográfico”, onde se analisam elementos culturais de um povo independentemente de outros; no restante, temos tanto uma narrativa dos acontecimentos por ordem cronológica – “diacrônico” – quanto uma visão completa de um momento histórico concreto, ao conectar feitos de diferentes povos, ou seja, um enfoque “sincrônico”.

A próxima parte da fase de interpretação, a dos aspectos internos do texto, se subdivide em duas grandes áreas: uma de “valoração” e uma de “crítica”. A primeira, busca uma atribuição de valores reais para o texto, através de uma captação de suas idéias básicas; do esclarecimento de eventuais passagens pouco claras; de uma síntese dos problemas tratados; de uma análise da vigência cronológica e espacial dos condicionamentos envolvidos, e do isolamento de possíveis teses ou hipóteses sustentadas pelo autor. E, posteriormente, uma segunda “área” concluindo a interpretação, onde desenvolvemos as críticas do mesmo.

O primeiro ponto a ser abordado na “valoração”, se trata de uma espécie de resumo do conjunto do texto, onde tentaremos captar, através de uma meditada análise, unicamente as idéias básicas do mesmo. Esta captação envolve critérios objetivos e subjetivos, e, dentro destes últimos, orientei minha análise nos aspectos em que, ao meu ver, o texto venha a melhor contribuir para incrementar o nível de informação sobre a dinâmica daquele momento histórico. Dentro desta perspectiva, procurei trabalhar as seguintes idéias básicas, entre as transmitidas pelo nosso documento. Primeiramente, as informações que possam ser úteis para uma maior consciência da real extensão geográfica da “Ocupação Holandesa” no nordeste, no sentido de que, como já alertou Capistrano de Abreu ³⁴ : “*A invasão flamenga constitui mero episódio da ocupação da costa.*” (Abreu; p.177). No que se refere diretamente aos tapuias de Janduí, destacamos

³⁴ ABREU, J. Capistrano de *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu & Livraria Briguet, 1954

o que registra o texto sobre as relações entre suas lideranças e os administradores do Brasil Holandês – basicamente através dos discursos de Janduí e de Baro – e as indicações sobre o papel como garantidores de um refúgio para brasileiros “descontentes”; dentro do objetivo maior, sugerido por John Monteiro, da produção de um *“renovado retrato da participação das populações indígenas diante do avanço dos europeus”*.

Como o texto de Baro faz referência a diversos acidentes geográficos da região por onde se desenrolou sua missão, convém, antes de mais nada, alertar que a “idéia básica” que nos referimos como indicativa da “real extensão geográfica” da “invasão” holandesa, não está relacionada com uma identificação dos rios, montes, caminhos, etc. em relação a topografia atual, visando uma possível reconstituição do caminho da viagem ao país dos Tapuias. O que identificamos como de destacado interesse, entre o que nos informa o documento, são as indicações sobre os “limites” deste “país”, e o quanto pode ser confirmado, em nossos cronistas, sobre sua existência e sua autonomia, a partir dos indícios apontados por Baro em seu relatório.

A indicação contida na escolha da expressão “País dos Tapuias” para informar o destino da viagem de Baro para negociar com Janduí, a qual recebe ainda o complemento: “na terra firme do Brasil”, poderia ser interpretada como uma tentativa do cronista estrangeiro fazer crer numa fragilidade exagerada do domínio português na região, na medida em que um país autônomo sobrevivia a ele. Entretanto, a leitura do que informa Baro sobre o seu deslocamento entre sua residência, no litoral, e a região onde Janduí vivia, parece confirmar diretamente a inexistência de qualquer forma de resistência ao poder dos tapuias a partir de uma certa distância do litoral. Entre os registros que indicam esta suposta situação, podemos destacar o fato da última

referência a uma residência de colono, o “*curral de André Claesen*” (p.II, 17) ³⁵, aparecer nas anotações referentes ao dia 26 de abril, ou seja, no terceiro dia após a travessia do Potengi, início efetivo da viagem. Posto que, conforme o relatado, a cheia deste rio não permitiu a partida do grupo, que já estava pronto, aguardando na residência de Baro, desde o dia 3 de abril. A partir deste ponto, ao longo de toda a viagem, não encontramos referências de encontros com nenhum representante da administração colonial.

Adicionalmente, encontramos referências diversas transmitindo a idéia de dois territórios distintos, tais como quando Baro pedia aos brasileiros, no sertão, para notificarem: “*por mensageiro especial, aos nossos que estivessem no Rio Grande, os atentados e traições que se praticassem contra os nossos.*” (p.V, 34); em declarações, como: “*Afirmei-lhes que, quando viessem do lado do Rio Grande, eu os receberia cortesmente e pedi-lhes que tomassem cuidado de não ofender ninguém.*” (p.VI, 41); em recordações de Janduí : “*Quando Jacob Rabbi vivia, juntava-se aos seus tapuias, com os quais descia à minha (de Baro) Capitania do Rio Grande...*” (p.VIII, 56); ou, ainda, registros do tipo “*Enviei João Straffi na manhã seguinte ao Rio Grande para reunir os meus homens...*” (p.XI, 76).

Procurando em nossas fontes auxiliares, encontramos indicações que apontam para a confirmação desta pequena faixa de domínio holandês junto ao litoral, na região dos acontecimentos narrados, sendo que, especialmente naquela oportunidade, devido ao estado de beligerância causado pela revolta dos luso-brasileiros, somava-se um êxodo tanto de colonos quanto de brasileiros. Partindo de uma visão mais geral sobre o território que efetivamente chegou a ser administrado pela Companhia, podemos perceber melhor as condições onde se desenvolveram as relações inter-étnicas que

³⁵ Conforme informamos, as referências ao texto de Baro apontam para a página do Anexo 1, em romanos, seguida do número do parágrafo.

constam das idéias básicas agrupadas no documento. Sobre a região do Rio Grande, ainda quanto a idéia de territórios distintos, registra Nieuhof que: *“Era hábito dos Tapuias fazerem uma ou duas incursões anuais, nessa Capitania. Principalmente durante a seca que os privava de água fresca. Mantinha-se, assim, a animosidade entre portugueses e nativos”* (Nieuhof; p.88)

Encontramos em Pierre Moreau uma avaliação da situação dos “habitantes do campo”, sem determinar o quanto afastados do litoral estariam estes colonos, que aponta para uma ausência da administração, tanto holandesa quanto portuguesa, e, ainda, que “no campo” o poder era exercido, de fato, pelos tapuias. Neste sentido, o referido trecho, que reproduzimos em seguida, parece bem claro: *“Os habitantes do campo, tomados sob a proteção da Companhia das Índias, ainda que lhes dessem salvo-conduto, jamais estavam seguros. Assim, o povo português gemia oprimido por desolação tão imprevista, via o ouro e a prata, grandes bens de que regurgitavam, ao abandono e à pilhagem, e seus vizinhos, parentes e amigos seriam a todo instante vítimas miseráveis destes selvagens que se banquetavam com os seus corpos, aos quais tinham feito experimentar toda espécie de barbaridades.”* (Moreau, Baro; p.26)

Sobre a capitania do Rio Grande, as pesquisas de Câmara Cascudo registram que, *“as vésperas do domínio holandês”*, ela praticamente se limitava a um âmbito redondo de 15 a 18 léguas; com sesmarias sem benefícios em sua maioria. A penetração subia as margens dos rios Potengi, Jundiá e Trairi. Os aldeamentos iam de cinco a seis povoados, sendo o mais populoso o de Mipibu. Natal constava de 35 a 40 casas de palha e barro; a vida organizava-se fora da cidade, ocorrendo-se apenas para as reuniões administrativas ou religiosas, o número de camponeses não ultrapassava de 120 a 130 almas em um raio de seis a nove milhas. O único engenho em produção, Cunhaú, *“safrejava 6000 a 7000 arrobas de açúcar.”*, embarcadas para Pernambuco. (Câmara

Cascudo; p.59). O relatório de *van der Dussen*, de 1639, incluído na crônica de Barleus, registra sobre a vila de Natal: “*Fica aí a vila de Natal, de aspecto triste e acabrunhado pelas suas ruínas, vestígios da guerra. Deu-se permissão aos moradores de edificar nova cidade, em lugar mais feraz e em sítio mais vantajoso, na freguesia de Potengi.*”; registrando também: “*A região, escassa de habitantes e risonha pelos seus pastos, vive da criação de gado. Com a devastação das últimas guerras, porém, foi este retirado ou morto, sofrendo ela prejuízos com isso*” (Barleus; p.128). Registra Nieuhof que o Rio Grande era conhecido entre os naturais como Potengi, tanto o rio quanto a capitania; e ainda que a capitania era dividida em quatro distritos: “*conhecidos pelos nomes dos rios que os banham, a saber: Cunhaú, Goiana, Monpebu e Potigi.*” (Nieuhof; p.86).

A cronologia da conquista pelos portugueses, dos franceses aliados aos tapuias, e posteriormente da sua perda para os holandeses, do que veio a se tornar o litoral norte do Brasil Holandês – encontrada na bibliografia ligada ao modelo de história construído pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – aponta para uma situação de ausência dos colonizadores nas regiões afastadas da costa, já anteriormente ao domínio holandês³⁶. Apresentaremos, em seguida mapas que acompanham a edição da crônica de Barleus, os quais dão uma idéia da referida “extensão real” das terras administradas pela Companhia. Sobre os mapas, reproduzimos a referência feita pelo citado cronista em seu texto:

³⁶ Os portugueses estabeleceram o domínio no litoral do Rio Grande, onde praticamente extinguiram os Potiguaras – aliados dos franceses – em 1598, com a construção da fortaleza dos Reis Magos. O litoral da Paraíba passou ao domínio dos portugueses, através de um acordo com os Tabajaras, em 1585. No litoral do Ceará, segundo informa Barleus, os holandeses encontraram uma capitania com poucos habitantes onde: “*Vivem os bárbaros dos arredores em discórdias e lutas perpétuas com os portugueses.*”, registrando ainda que: “*Próxima da fortaleza está a casa do governador português, a qual é rodeada de algumas habitações esparsas dos moradores portugueses, nada resistentes contra as investidas dos inimigos.*”(Barleus; p.69).

“Os quatro mapas juntos, devidos à munificência de Nassau, representam o Brasil Holandês. Nem a América, nem a Europa viram até hoje outros mais completos. O primeiro estende-se do rio Potipeba até o São Francisco, abrangendo o Sergipe Del Rei, anexado ao domínio da Companhia pelas armas de Maurício. Chama-se Capitania do Cirii, à conta do nome do rio. Neste mapa, o rio São Francisco, celebrado nos livros dos espanhóis e de nossos patrícios, afamado pelas suas ilhas, penedos e vaus, abre a sua barra e penetra, com vários rodeios, pelo sertão do Brasil. O segundo e o terceiro mapa põem ante os olhos toda a capitania de Pernambuco, bem como a de Itamaracá. O quarto mostra a Paraíba e a capitania do Rio Grande. Em cada um deles encontram-se marcados com sinais próprios, os engenhos de açúcar, os currais, as cidades, vilas e aldeias, os fortes, os rios, as baías, os cabos, sinais esses que trazem luz e fé à narração” (Barleus; p.26)

Concluindo nossas observações sobre a “real dimensão geográfica” da ocupação holandesa, cujos indícios da relação parecem confirmar, lembramos um episódio registrado em *Aventuras e Aventureiros no Brasil*, onde seu autor, Alfredo de Carvalho, publica, com o título de “Explorações Holandesas do Sertão Brasileiro”, um artigo de 1915, como resposta à tese que lhe fora atribuída pelo 1º Congresso de História Nacional, realizado no Rio de Janeiro – “Os holandeses como exploradores do sertão brasileiro”. Nele, apesar de reconhecer que o assunto escolhido poderia “*facilmente prestar-se a copiosas divagações retóricas*”, Carvalho, com base nos “*mapas*

magníficos que ilustram a obra famosa de Barleus”, demonstra, “*cabalmente, que os holandeses jamais exploraram o sertão brasileiro, motivo pelo qual nos desobrigamos da incumbência que nos cometeram os ilustres organizadores*” (Carvalho; p.125-128).

Após a compilação dos registros que parecem contribuir para uma contextualização mais exata dos limites do chamado “Domínio Holandês”, em termos territoriais, procuramos analisar os que possam somar informações para um conhecimento das características do relacionamento entre os tapuias de Janduí e os agentes da administração holandesa. Com base nas situações relatadas ao longo do texto, podemos dividir, para efeito de análise, dois aspectos neste relacionamento. A longo prazo, transparece uma idéia de insubordinação dos tapuias, tanto em relação aos antigos aliados, quanto aos que procuravam atrair seu apoio. Por outro lado, no que parece ser uma situação mais recente, encontramos uma inversão de posições, de quem precisaria agora de socorro militar, que estaria obrigando aqueles tapuias, na época da missão de Baro, a aceitarem negociar um novo padrão de comportamento.

Para uma melhor compreensão desta apontada ausência de submissão, procuramos levantar as circunstâncias que cercaram certos passos desta aliança, cuja duração tinha merecido afirmações de Janduí, tais como: “*que sempre servira aos holandeses em suas necessidades*” (p.XI; 79); ou ainda “*..há vinte e cinco anos que só guerreio a favor deles..*” (p.VII, 48). Os relatos das primeiras ações conjuntas, entre tapuias e holandeses, sugerem algumas “especificidades” no que se tornou a política da Companhia para com os tapuias de Janduí, a qual, como analisa Gonsalves de Mello, não seria bastante clara nem mesmo para os funcionários da mesma, que se viam obrigados a consultas diretas ao Conselho, o qual, repetidamente, exigia que se “*deveria*

manter favoráveis a nós os tapuias, por todos os meios.” (Dag. Notule de 28 de janeiro de 1636)³⁷.

A descrição da atuação dos tapuias de Janduí, na operação militar, planejada com auxílio de informações transferidas pelos tapuias a partir dos contatos de 1631, que levou ao domínio do Rio Grande pelos holandeses, iniciada com a tomada do Forte dos Santos Reis em 1633 pela expedição enviada do Recife³⁸ – que aparece na crônica de Duarte de Albuquerque Coelho – parece revelar algumas dessas circunstâncias. Registra este autor que, o “inimigo”, *“depois de entrar no forte enviou logo dois índios à Janduí, chefe dos tapuias, que viviam a 80 léguas no interior.”*, participando estar de posse do forte, *“pelo que podiam descer seguramente, e que os esperavam com afã; que no campo achariam muito gado e alguns moradores, em que poderiam cevar sua ira.”*. Para, em seguida, fazer o relato que transcrevemos abaixo:

“Baixando logo Janduí com muitos destes Tapuias, deu inesperadamente no engenho de Francisco Coelho, para onde pouco antes se tinham retirado alguns moradores, e o mataram juntamente com sua mulher, cinco filhos, e todos os que ali acharam, excedendo talvez a 60 pessoas, sem que a algum concedessem a vida, propriedade destes bárbaros. Feito isto, dirigiram-se ao forte, onde entrou Janduí com poucos, e todos se viram bem hospedados, e brindados com dádivas para eles estimáveis. Porém o inimigo conservava-os menos por amar sua companhia que por servir-se deles contra nós. Assim acontece a quem é glutão (estes o são muito) e

³⁷ Gonsalves de Mello; p.201

³⁸ Como podemos encontrar, por exemplo, em CASCUDO, Luiz da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1984 – esta expedição, comandada pelos chefes militares Jan Corlisz Lichthardt e Baltazar Bijma, acompanhados de Mathijs van Keulen e Servaes Carpenter, assumiu o controle do forte, mudando o nome para *Castelo de Kuelen*, e entregando o comando para o capitão Joris Garstman

pouco seguro na amizade, como soem ser outros que não são Tapuias, bem que nisto o parecem. Eram enfim tais e tantos os trabalhos que cada dia cresciam àqueles infelizes moradores, que já com a vinda dos Tapuias lhes pareciam menos ímpios os Holandeses. Mas é de crer que seus pecados lhes iam multiplicando os inimigos e castigos.” (Albuquerque Coelho; p.139)

Nesta, que poderíamos considerar uma das primeiras ações militares onde Janduí: “*servira aos holandeses em suas necessidades*”, encontramos algumas das circunstâncias que se destacariam, e que se mostrariam evidentes em nosso documento, no que se refere a relação entre os holandeses e os tapuias de Janduí. A observação de Albuquerque Coelho: “*Porém o inimigo conservava-os menos por amar sua companhia que por servir-se deles contra nós.*”, revela um aspecto que podemos confirmar, entre outras fontes, no próprio relatório de Baro, onde se encontra registrada a reação deste diante da possibilidade de Janduí se transferir para o Rio Grande, na passagem: “*..., de sorte que, não podendo resistir-lhes, estava resolvido, caso não fosse socorrido por mim e pelos meus homens, a retirar-se para o Rio Grande, próximo do nosso forte. Este discurso me sobressaltou, pois não tinha nenhuma vontade de vê-lo tão perto de mim.*” (p.X; 79); o da consciência do perigo que representaria a falta de subordinação dos tapuias, em comparação aos brasileiros. Insubordinação esta que seria a sua grande vantagem enquanto fosse possível utilizar os seus serviços, mantendo-os sempre a uma distância segura.

Enquanto os brasileiros podiam ser aldeados e submetidos ao governo do Conselho Supremo, os tapuias, apontados como os principais aliados dos holandeses, não permitiram este nível de convivência. Segundo as pesquisas de Gonsalves de Mello,

a fama de sua ferocidade e o modo que tratavam os seus aliados brancos de igual para igual, levaram os flamengos a procurar mantê-los sempre o mais longe possível das zonas habitadas. Este autor encontrou vários registros de incursões dos tapuias, frutos diretos da referida insubordinação, na coleção “*Dagelijksche Notulen*”, citando como exemplo a incursão descrita na “Dag. Notule” de 26 de novembro de 1639, conforme transcrevemos: “*. Assim, por exemplo, em 1639, quando Janduí com 2000 tapuias – homens, mulheres e meninos – aproximou-se do povoado do Rio Grande, causando grandes danos aos moradores. Com a maior sem-cerimônia iam arrancando as roças, novas e velhas, que encontravam. O Conselho despachou logo os filhos de Janduí que se achavam em Recife, recomendando-lhes que fizessem voltar os seus para o lugar donde haviam procedido, quando fossem necessários seriam chamados*” (Gonsalves de Mello; p.204).

Um reflexo desta “política”, ou da falta de uma, aparece no episódio relatado nos parágrafos 17 e 18 da relação, onde Muroti questiona Baro sobre a validade da pretensa autoridade deste último sobre as ações dos tapuias, posto já ter o filho de Janduí percebido que “*mesmo que tivéssemos cometido toda a sorte de maldade*”, sempre voltaria Baro a “*procurar-nos tendo em vista a paz.*” (p.II, 17). Ainda neste episódio, encontramos mais dois aspectos envolvidos no relacionamento que estamos analisando, o questionamento sobre até onde ia a representatividade de Baro: “*Compete a ti ou aos holandeses agir contra nós?*”, que abordaremos em fase posterior; e, o caráter de “novidade” das restrições de Baro ao que parecia corriqueiro quando o “Intérprete” ainda era Jacob Rabbí, o que comentaremos em seguida.

Nos parágrafos numerados de 55 até 64, encontramos registros do debate com Janduí sobre a mudança de comportamento que Baro pretendia obter dos tapuias, em relação aos “tempos de Jacob Rabbí”. No parágrafo 55, Baro propõe o tipo de atitude

que espera dos comandados de Janduí, quando no Rio Grande: “*O que existisse no tempo da colheita estaria a seu dispor e ao dos seus; contanto que não enviasse homens armados para pedir esses víveres*”; e, também, o que não deveria continuar a acontecer, denunciando que: “*os que vinham de sua parte à Capitania do Rio Grande não se contentavam com o que se lhes dava de boa mente, mas queriam tudo carregar, com ameaças de morte, dizendo um deles: “Eu sou o Capitão fulano”, outro, que era filho de Janduí; um terceiro, que era senhor de tal lugar, e assim por diante, e com essas palavras levavam os trastes e o gado dos moradores.*” (p.VIII, 55).

A reação de Janduí, “*Eis uma boa conversa...*”, parece soar como se, finalmente, poderiam discutir as conseqüências do assassinato de Jacob Rabbí no futuro das relações entre tapuias e holandeses, assunto que até então tinha sido evitado, como de resto não se tocou no restante do relatório. Este silêncio diplomático pode ser atribuído, além da emergência das preocupações de defesa militar, ao fato de que Garstman já estava preso, apesar de não ter sido entregue aos tapuias, como estes exigiram. O episódio do assassinato de Jacob Rabbí, por estar associado diretamente a diversos aspectos dos acontecimentos tratados em nosso documento, deve ser melhor investigado, antes de continuarmos a análise do diálogo acima referido.

Jacob Rabbí, que, conforme Barleus, teria vindo para o Brasil em 1637, acompanhando a Maurício de Nassau, onde: “*a pedido do rei Janduí e com permissão do Conde de Nassau, partira para as terras dos tapuias, afim de servir de intérprete entre os holandeses e aquela nação. Viveu quatro anos com os costumes deles, agradável ao rei, espectador e testemunha bem aceita de tudo.*” (Barleus; p.269) , teve registrada suas informações sobre os tapuias nas páginas da crônica de Barleus do governo de Nassau. (Barleus; p.261-269). O perfil mostrado por Alfredo de Carvalho, sem mencionar as fontes diretas, mas, aparentemente, se baseando nos inimigos de

Rabbí, mostra: “..um aventureiro rude e brutal, valente e cruel, astuto e cúpido, no qual dominavam os instintos puramente animais; favorecendo a sua perfeita assimilação aos representantes duma raça primitiva, afazendo-se aos seus costumes e chegando a escolher entre eles a companheira.” (Carvalho; p.169).

Conforme nos informa Nieuhof, Rabbí, que: “, outrora, fora encarregado de estar no meio dos tapuias, comissionado pela Companhia, para manter os tapuias em amizade e boas disposições para com este governo; assim como ele já os tinha, por várias vezes, conduzido das montanhas (onde eles habitavam), em nosso auxílio”, foi assassinado em uma emboscada atribuída ao Tenente-Coronel Garstman, comandante holandês do Rio Grande, na madrugada de 5 de abril de 1646. Registrando, adicionalmente, que Rabbí: “morava no Rio Grande, no forte Keulen, e era casado com uma brasileira, embora fosse de ascendência alemã”; e, ainda, da preocupação das autoridades holandesas: “O Conselho chocou-se profundamente com essa vilania, porque Jacob Rabbi era casado com uma brasileira e gozava de grande estima entre os tapuias, sendo, pois, de se recear que o crime fizesse com que tanto os tapuias como os brasileiros se revoltassem contra nós.” Nieuhof aponta, também, que: “Conforme revelara a amigos seus, havia já tempo que Rabbi suspeitava da traição de Garstman e, justamente por esse motivo, estava de partida para o Rio Grande a fim de se refugiar entre os tapuias “.Por ordem dos Altos Comissários da Justiça e Finanças, aos 24 de abril, Garstman foi preso sob custódia, sendo substituído em seu posto pelo Major Bayert. (Nieuhof; p.277). .

Entre os documentos pesquisados por Gonsalves de Mello apontando as incursões dos tapuias, aparecem as indicações tanto do envolvimento de Rabbí, quanto da desaprovação de Gartsman, quanto ao tratamento dado aos colonos pelos homens de Janduí. Segundo nos informa, em *Tempo dos Flamengos*, em 1643 (Dag. Notule de 8 de

janeiro) uns 800 a 900 tapuias aproximam-se de Mompabu, matando o gado e destruindo as roças. A Dag. Notule de 13 de fevereiro do mesmo ano dá conta que Joris Garstman e 2 escabinos compareceram perante o Alto Conselho do Recife queixando-se dos abusos e estragos que os moradores do Rio Grande sofriam dos tapuias conduzidos por Jacob Rabbí, pelo que o pagamento a este dos seus vencimentos de empregado da Companhia foi suspenso. Rabbí era acusado ainda de instigar os tapuias contra os habitantes: “hoje é sabido, diz Garstman, que o dito Jacob Rabbí mandara os Tapuias saquear as casas dos moradores e trazer-lhe o produto do roubo”; essas acusações levaram o Alto Conselho a demiti-lo cargo e autorizar a sua prisão; Dag. Notule de 19 de fevereiro de 1643. (Gonsalves de Mello; p.205). Segundo Barleus, Rabbí aparece como interlocutor entre Nassau e Janduí, quando o Conde preparava sua partida para a Holanda; ou seja, de alguma forma já estava reabilitado por volta de maio de 1644.(Barleus; p.269).

Para Alfredo de Carvalho – autor do, já mencionado, estudo sobre Jacob Rabbí, *Um Intérprete dos Tapuios* – entre os documentos contemporâneos por ele examinados: “*Rabbí raramente aparece até as proximidades da campanha restauradora de Pernambuco, quando atingiu ao apogeu e fim de sua inglória existência.*” (Carvalho; p.170). Nesta referida fase aconteceram, entre julho e outubro de 1645, uma série de atentados, com morte de moradores e pilhagens e incêndios de casas e engenhos, atribuídos aos tapuias sob o comando de Jacob Rabbí, entre eles, os que mais são encontrados na historiografia tradicional: os massacres de Cunhaú (julho de 1645) e de Uruassú (outubro de 1645). Sobre estes massacres, o cronista Nieuhof, apesar de alegar que: “*os tapuias tomados de ódio para com os lusos, atacaram alguns deles, a 16 de julho, no engenho de Cunhaú, matando todos os que lá se encontravam, sem que os holandeses das redondezas conseguissem impedi-lo*”, informa que , em seguida, após

atacarem demais localidades do Rio Grande, tendo obtido a capitulação com a promessa de terem os colonos as vidas preservadas : *“alguns portugueses fugiram para Paraíba e os tapuias tomando esse ato como quebra do tratado que acabavam de fazer, combinaram com os demais brasileiros executar os portugueses remanescentes onde quer que os encontrassem, o que logo fizeram “* (Nieuhof; p.262), vindo a concluir o seu registro, pragmaticamente, assim contabilizando:

“O resultado de tudo isso foi que o Rio Grande ficou inteiramente expurgado de rebeldes, a exceção de uns poucos sobre os quais os tapuias não puderam lançar mão. Suas propriedades, inclusive gado, foram depois vendidas, em benefício da Companhia e de seus credores e os armazéns públicos foram supridos com boas reservas de carne em boa hora recebidas.”(Nieuhof; p.263).

Pierre Moreau, que havia chegado ao Recife na mesma época da repercussão do assassinato de Rabbí, reputou como sinal de má sorte, para o novo Conselho que tomava posse, que a primeira notícia que lhes foi trazida tinha sido a de : *“que a maior parte dos tapuias e brasileiros, que sempre tinham sido aliados dos holandeses e combatido a seu serviço, os haviam abandonado e adotado o partido de seus inimigos, por ódio àquilo que Joris Garstman, general da milícia, fizera seis meses antes, mandando matar o alemão Jacob Rabbi; este homem intrépido de tal forma se adaptara a estes selvagens em seus costumes e modo de viver, que se tornara como se fosse um deles, e estes de tal modo a ele se afeiçoaram, que o fizeram um de seus principais capitães.”* Pelo que foi apurado por Moreau, na versão dos amigos de Garstman, o crime devia ser atribuído ao ressentimento pelo assassinato por Jacob Rabbí do pai de sua mulher, e que

sua morte só apresentava vantagens para o público, posto que este *“escolhia os piores tapuias e com eles efetuava diversas pilhagens no país”* Havendo, entretanto, os que sustentavam que outros tinham sido os seus motivos: *“sabendo que Jacob Rabbi reunira, com o fruto de seus roubos, uma rica presa e a escondera em lugar que ele bem conhecia, mandara matá-lo para disso tirar proveito; e, com efeito, encontraram-se em seu poder algumas jóias, reconhecidas por aqueles que Jacob Rabbi tinha roubado”* (Moreau, Baro; p.63-64).

Ainda segundo Moreau, Janduí solicitara a entrega de Garstman para ser justificado pelos tapuias: *“de acordo com o privilégio que lhes tinha sido outorgado pelos Estados Gerais e a Companhia das Índias, de somente eles serem os juízes dos criminosos de sua nação.”*; alegando ainda, aquele chefe tapuia, em defesa de Rabbí, que: *“. Quanto ao assassinato do sogro de Garstman, este é que dera o motivo, como todos sabiam muito bem, quanto aos seus roubos e furtos, se ele tinha tomado gado, era somente para viver, pois não era razoável que ele e sua gente morressem de fome quando lhes era recusado comida. Se tomara instrumentos de ferro, era para servir-se deles no campo, a serviço dos próprios holandeses, aos quais os tapuias jamais tinham pedido soldo, e pelos quais muitas vezes se tinham expostos.”*. Considerando ainda Janduí que se, em todo caso, Jacob Rabbí tivesse de ser castigado: *“devia-se ter seguido o costume dos holandeses; em vez disso tinham-no assassinado, quando poderiam facilmente mandar prendê-lo”* Os “Senhores.do Conselho” responderam aos enviados de Janduí que não poderia entregar Garstman por ele ser um oficial superior, sendo que se o mesmo fosse condenado a morte teria ainda direito a apelação junto aos Dezenove, na Holanda. Mandaram vir Garstman, que foi encarcerado na presença dos delegados dos tapuias, os quais: *“, no entanto, voltaram descontentes para os seus, por ter sido*

recusado Garstman, e disseram, ao partir, que os holandeses se arrependeriam.”
(Moreau, Baro; p.64)

Seguindo na análise da “boa conversa” entre Baro e Janduí, dois pontos parecem se destacar na posição do líder indígena. A argumentação em defesa dos saques eventuais permitidos, ou “coordenados”, por Rabbí, em função da falta de apoio dos holandeses em retorno aos serviços prestados; repetindo a posição adotada perante o Conselho, como registrada por Moreau 2 *“Meus homens sempre se contentaram com algumas ferramentas que puderam apanhar e não era preciso fazer tanto barulho por um pouco de carne que tivessem levado e comido”* 2 e, talvez onde se revele a real dúvida, se as atitudes não podiam mais ser como no tempo de Rabbí, este, pelo menos demonstrava poder para defender a “sua” política no relacionamento com os tapuias, em relação aos demais personagens envolvidos, tanto holandeses quanto colonos; teria Baro condições para isto? Alfredo de Carvalho registra uma tradução que me parece mais clara para um trecho deste diálogo: *“Quando Jacob Rabbí era vivo, juntava-se aos meus tapuias, com os quais descia à capitania do Rio Grande e dizia a este ou àquele: “Dá-me um boi para minha gente, do contrário mandarei matá-lo, e todos o obedeciam. Jacob tinha muito mais poder sobre a sua gente do que tu, porque se fazia temer dos moradores, enquanto tu o temes”* (Carvalho; p.169). Esta consideração, ainda reforçada com a afirmação de Janduí: – *“Jacó Rabbi, continuou ele, tinha mais poder do que tu; estava sempre próximo de um bom comando e acompanhado de diversos soldados, ao passo que tu vens aqui sem comando e sem um soldado”*; tiveram como resposta, por parte de Baro, alegações de ordem moral – não ser como Rabbí: *“um homem de má vida, odiado dos seus e de todos aqueles que o conheciam; eu não cuidava de imitá-lo, temendo acabar como ele.”*; ou procurando afirmar um pretenso poder que não condizia, como parecia evidente para Janduí, com a delegação que o acompanhava:

“Repliquei-lhe que Jacó Rabbi jamais tivera quer o poder, quer o comando que eu possuía”. (p.VIII-IX; 56-63).

O acordo que resultou deste diálogo, que basicamente deixava para o futuro a definição dos limites nessa área, foi, da parte de Baro a promessa de boas recompensas para os que agissem do modo que os holandeses aprovassem, e de Janduí, explicitamente o aviso de que: *“se tu falasse com maior brandura a mim e a minha gente do que o fazes, terias maior satisfação do que pensas, pois eles não toleram ser tratados rudemente.”*. Aparentemente, para ambos, o mais importante era a ameaça, cada vez mais concreta, da perda para os do “partido dos portugueses”, aos holandeses do domínio do Rio Grande, e para os de Janduí da própria sobrevivência.

Analisando o nosso texto buscando os indícios que constroem esta característica de um forte apelo de Janduí por assistência militar como uma das idéias centrais , parece se revelar um enredo diplomático, onde partindo da ameaça de uma possível mudança para as hostes do inimigo, termina com o nosso líder indígena aceitando uma promessa vaga de uma futura ajuda, e, ainda, dentro das condições impostas por Baro. Nesta evolução, podemos citar o registro do encontro, ainda antes de atravessar o Potengi, com a missão dos tapuias que buscava Baro: *“Vieram ao nosso encontro dez tapuias que tinham atravessado o Rio Potengi a nado e entre eles estava Muroti, filho do velho Janduí, seu rei. Comunicou-me que seu pai mandara dizer-me para vir encontrá-lo logo, pois o inimigo lhe pedira sua colaboração”* (p.II; 13). Para lidar com esta aparente ameaça de rompimento , a administração holandesa enviou presentes, atitude que, somada ao ódio que demonstravam os tapuias aos portugueses, tinha bastado para manter a aliança; como em diversas situações registradas nas crônicas. Encontramos, por exemplo, em Nieuhof, uma relação de presentes enviados a Janduí pelo Conselho

em uma das ocasiões onde se buscava “*reconquistar as boas graças daquele rei para com nossa causa*”, a qual transcrevemos:

200	florins em dinheiro corrente
1000	varas de linho <i>Osnabrugh</i>
400	canadas de vinho espanhol
2	barris de aguardente
2	galões de óleo
1	moio de vinagre e
	uma barrica contendo carne.” ³⁹

(Nieuhof; p.286)

Em seguida, ao se encontrarem, a primeira questão tratada já envolve a possibilidade dos holandeses estarem em inferioridade, como aparece na reação de Janduí a afirmação de Baro de que; “*.., graças a Deus, não sofríamos qualquer falta; tínhamos recebido socorro e hortaliças da Holanda, e depois disso nossa força volante se apoderara do Rio São Fransisco e a nossa armada conquistara aos portugueses a Ilha de Itaparica e três léguas de terra na Baía de Todos os Santos.*”; quando Janduí respondeu: “*que tinha ouvido justamente o contrário da gente de Camarão, que lhe assegurara que nós estávamos em tal estado de penúria que dentro em breve seríamos forçados a nos render.*” (p.VII; 46). Em seguida, diante da alegada superioridade dos presentes ofertados pelos aliados dos portugueses, onde, para Janduí: “*; a menor peça vale mais que tudo aquilo que os vossos Senhores holandeses jamais me enviaram*”, Baro, apesar de reconhecer que devia conseguir mais e melhores presentes no futuro,

³⁹ Segundo o dicionário Lello Universal: **canadas** e **moio** são antigas medidas portuguesas de capacidade.

apelou para o tradicional ódio aos portugueses: “, *sendo obrigado a perguntar-lhe se somente por causa destes belos presentes que os portugueses lhe haviam dado, queria ele romper conosco, contra sua promessa*”. Superada a questão de comparação dos presentes, após Janduí declarar que: “*. Fora e era ainda amigo dos holandeses, os quais jamais tinham dado motivo de queixa de sua fidelidade.*”; chegava-se a nova questão: “*Disse-lhe que estes não duvidavam absolutamente disso, e que quando ele tivesse necessidade de socorro o encontraria prontamente. – “Sempre assim me prometeram, replicou, e verei no momento da necessidade; há vinte e cinco anos que só guerreio a favor deles e teria sido muito fácil para mim chegar a um acordo com os meus vizinhos e reunir aqueles que se revoltaram contra mim”* (p.VII; 48). Aparentemente a questão, agora, não se resumia mais aos dois pilares tradicionais, presentes e ódio aos portugueses. De acordo com o desenrolar dos acontecimentos, poderia haver a necessidade do apoio militar dos holandeses, posto que, depois da participação dos tapuias nas últimas ações de combate aos rebeldes no Rio Grande e na Paraíba, não restaria para Janduí a opção de mudar de “partido”.

Pierre Moreau, pelo que registra em sua crônica, havia percebido a gravidade atribuída por Janduí às alianças que o estavam ameaçando, e o grau de urgência da necessidade de auxílio que este esperava dos holandeses; bem como conhecia o verdadeiro quadro militar que impossibilitava, naquele momento, o cumprimento das promessas de Baro. Como podemos ver no trecho a seguir:

“Roulox Baro encontrou Janduí disposto a permanecer sempre seu amigo e ser-lhes fiel no futuro, como fora no passado, apesar dos agrados que lhe tinham feito os portugueses para conquistá-lo para o seu lado; não o conseguindo, tinham-lhe ódio e declararam-se, com os outros tapuias e

brasilianos descontentes, seus inimigos mortais e ameaçavam e aos seus de destruição, conservando-os em perpétuo alarme e receosos de alguma surpresa. O diabo invocado por este Rei, e no qual ele confia, consultando-o sobre os seus negócios, nada lhe prognosticou de bom. Ele implorou, então, a assistência dos holandeses e Roulox Baro prometeu-lhe um poderoso socorro do Recife, que a esse tempo quase não dispunha de forças para se manter e esperava reforços da Europa para si mesmo, estando, pois, incapacitado de ir protegê-los tão depressa.” (Moreau, Baro; p.66)

Uma série de fatores teriam levado ao cenário que obrigava Janduí a “implorar” a assistência dos holandeses. Segundo Nieuhof, em abril de 1645, já chegavam informações sobre a extensão para a região de Janduí das atividades dos rebeldes pernambucanos, afirmando: *“ser voz corrente naquela região que Camarão, chefe dos brasileiros se achava em marcha do Sertão para o Ceará, a fim de se reunir com os brasileiros da região e atacar a Capitania do Rio Grande.”* (Nieuhof; p.139). Se, neste momento, ainda havia um tipo de situação que justificasse a hipótese de que os tapuias poderiam ser deslocados para ajudar a controlar a rebelião no sul, como registra Nieuhof (p.182), os acontecimentos que se seguiram levariam sucessivamente ao quadro pouco seguro que encontramos Janduí no nosso documento.

Através de algumas notícias para o Conselho sobre a situação no Rio Grande, compiladas nos registros de nossos cronistas, podemos ter uma noção da evolução dos referidos acontecimentos. Em princípios de julho, diversos informes, inclusive vindos de Baro e Rabbí, comunicavam que: *“diante da ameaça de invasão pelas forças de Camarão, provenientes do sul e pelos índios de Ceará e Maranhão, haviam desarmado*

todos os portugueses e recolhido as armas ao forte de Kuelen"; que: "o chefe Janduí e suas forças tapuias estavam prontos para se lançarem contra os lusos logo que recebessem ordens"; e ainda que: "Cientes disso, muitos peninsulares haviam fugido para Paraíba." (Nieuhof; p.188). Em seqüência vieram os massacres já mencionados sob a liderança de Rabbí, cuja motivação, na visão de Nieuhof foi assim registrada: ". Informados de que os portugueses de Pernambuco estavam revoltados, os tapuias'tomados de ódio para com os lusos, atacaram.." (Nieuhof; p.262); resultando no "expurgo de rebeldes" no Rio Grande, cujo registro pragmático de Neuhof já mencionamos. Em novembro, encontramos notícias dos movimentos de tropas entre soldados holandeses e o "inimigo recém-chegado ao Rio Grande, procedente da Paraíba." (Nieuhof; p.267). Tinha início uma série de combates procurando não permitir que as tropas de Camarão ocupassem o interior da capitania, "e assim impedir que as nossas guarnições de lá recebessem gado e farinha", onde tiveram participação ativa os tapuias liderados por Rabbí e pelos filhos "do rei Janduí". Tendo a ação dos tapuias se estendido aos combates na Paraíba, como registra o relatório do Capitão Willem Lamberts, de setembro de 1645, onde informa:

"Não sem grande dificuldade, conseguira, finalmente, do rei Janduí, uma força de 200 tapuias, pois o rei fingia temer que, durante a ausência de suas tropas, fosse vítima de alguma incursão de seus vizinhos para massacrá-lo, juntamente com sua família, exigindo, ao mesmo tempo, que todos os portugueses da Paraíba fossem passados a fio de espada. Continuando sua informação diz Lamberts que, marchando com esses tapuias para a Capitania de Paraíba, exterminaram eles todos os portugueses que encontraram no trajeto, em número de 100,

aproximadamente, tendo igualmente saqueado suas propriedades..” (Nieuhof; p.257)

Em abril de 1646, de acordo com as cartas dirigidas ao Conselho pelo Coronel Garstman, *“o inimigo já havia abandonado o Rio Grande”*. (Nieuhof; p.269-276). Abril de 1646, que também marcaria, com o assassinato de Jacob Rabbí, o aumento das dificuldades nas relações entre holandeses e os povos indígenas. Entre os diversos aspectos em que a influência deste acontecimento se mostra presente em nosso documento, encontramos a mudança na correlação de forças entre aliados e inimigos de Janduí na região. Aparecendo como divisor de águas, em diversas ocasiões, como no episódio envolvendo as ações dos tapuias e brasileiros do Ceará, com referência a conveniência ou não de se continuar apoiando os holandeses; registrado, por exemplo, na afirmação de Janduí para Baro: *“. Eles me odeiam porque eu não os segui e porque não fiz nas minhas terras como eles fizeram no Ceará, onde degolaram os vossos homens”*. (p. VII; 48). Segue-se, a transcrição do registro na crônica de Moreau, do citado episódio; segundo este autor, ainda em 1646:

“..aconteceu que os tapuias e brasileiros dissidentes de Janduí deixaram o partido holandês e adotaram o dos portugueses, não só devido a morte de Jacob Rabbi, como porque não lhes haviam querido entregar Garstman. Fizeram uma incursão ao Ceará, onde mataram e massacraram todos os habitantes holandeses do interior e solicitaram insistentemente a Janduí, rei de sua nação, que se unisse a eles e socorresse os portugueses, mandando-lhe pequenos presentes a fim de melhor convencê-lo. Este

respondeu-lhes, entretanto, que preferia guerreá-los a consentir e aprovar sua má ação no Ceará.” (Moreau, Baro; p.66)

No que se refere ao cerne das negociações – as condições para a manutenção da fidelidade de Janduí aos holandeses – apesar de encontrarmos solicitações de mais presentes para serem distribuídos aos aliados, a condição de “*implorar a assistência dos holandeses*”, percebida na anteriormente citada leitura de Pierre Moreau, parece, conclusivamente registrada na declaração de Janduí para Baro: – “*Vês, meu filho, o que se passa? Não queres socorrer-me contra teus inimigos e os meus? Tu me asseguravas há dias que tinhas tanto poder e comando sobre os teus, quanto tivera Jacó Rabbi, e que podias levantar tantos holandeses e brasileiros quantos quisesses. Eis o momento de prová-lo, visto que os nossos inimigos estão muito mais fortes do que eu.*” (p.X; 72).

Seis dias após este apelo, não tendo Baro tomado nenhuma providência concreta de busca de auxílio militar, Janduí, após traçar o quadro que as últimas informações recebidas faziam das forças inimigas: “*, indignados pelo fato de eles não terem seguido o seu partido, tendo sido amigos anteriormente, procuravam sua perda; tinham-se aliado à gente de Camarão e aumentado sua armada de grandes e temíveis tropas,*”; tentou, aparentemente como última cartada, ao apelar para a “ameaça” de levar a sua gente para junto dos holandeses, ao afirmar: “*.. de sorte que, não podendo resistir-lhes, estava resolvido, caso não fosse socorrido por mim e pelos meus homens, a retirar-se para o Rio Grande, próximo do nosso forte.*” Baro, tendo registrado o “sobressalto” que lhe causava tal discurso, protelou qualquer decisão, argumentando: “*que não devia ele abandonar a sua terra e que ali devia esperar o inimigo, caso fosse verdadeiro que este estava pronto para atacar.*” (p.XI; 79). Chegando ao Rio Grande, duas semanas depois,

recebe Janduí, como resposta à última tentativa de socorro, o que seria a orientação final de Baro neste episódio, a qual transcrevemos na íntegra:

“O ancião chamou-me na manhã seguinte contou-me tudo que se havia passado no dia precedente; mandou reunir todos os principais do seu povo com os feiticeiros, a fim de consultar para onde se retirariam, se fossem obrigados a fugir. Eles eram de opinião que deviam atravessar o rio e vir para o Rio Grande. Opus-me a essa resolução, dizendo que os inimigos ali os perseguiriam mais vivamente que em qualquer outro lugar, encontrando com que subsistir; seria mais conveniente retirar-se para um lugar onde os inimigos, ao perseguí-los, não pudessem encontrar o que comer; sendo, assim, obrigados a voltar. Eu ouvira dizer que acima da serra havia uma região pobre; seria bom que eles se retirassem para ali, onde eu viria encontrá-los com os meus soldados”. (p.XV; 98)

Segundo Nieuhof, a 13 de agosto Roulox Baro: *“que como já relatamos, fora incumbido de levar alguns presentes a Janduí, rei dos tapuias, trouxe uma carta desse chefe indígena, datada de primeiro de julho, endereçada ao Conselho, na qual agradecia os presentes e pedia que lhe enviasse armas de ferro”;* informando que tão logo houvesse subjugado os tapuias dissidentes: *“marcharia com todas as suas forças contra os portugueses.”* (Nieuhof; p.195). Na última referência em sua crônica , no final de outubro de 1647, sobre o nosso objeto de análise, registra Nieuhof: *“Enquanto isso, os tapuias, exasperados pelo assassinio de seu comandante Jacob Rabbi, abandonaram-nos. O Conselho fez o que pôde para os acalmar aprisionando e*

desterrando Garstman, o autor do delito e confiscando seus haveres. Contudo, não se conseguiu persuadir os tapuias que se reunissem a nós como antes.” (Nieuhof; p.307).

O último conjunto de indícios que procuramos analisar se refere ao papel dos tapuias de Janduí como garantidores de um espaço para os brasileiros “descontentes”. Sendo um tipo de situação que aparece em diversos pontos do caminho percorrido por Baro, procuramos tentar desenvolver algumas considerações gerais com o que os registros indicam para estas relações. Quanto a política de Janduí para os brasileiros, não temos nenhuma indicação de que a que tomamos como exemplo fosse muito diferente das demais; no caso a aldeia do principal Diego. Seguindo as declarações deste chefe, podemos constatar: *“que Janduí lhe dera este lugar para nele habitar com os seus “; que: “ Janduí deixara-lhes a liberdade de cultivar estas terras, e eles tinham plantado raízes e semeado ervilhas e favas, além daquilo que encontravam nas florestas”; e, em troca: “... não eram ingratos para com Janduí, a quem davam, liberalmente, uma parte daquilo que haviam plantado e semeado”(p.VI; 41).* Esquema este que se repete na aldeia de Vvioquin, onde viviam, em suas palavras: *“, mantendo-se em paz com os seus vizinhos, os tapuias, e dando-lhes de boa vontade o que tinha, quando estes o vinham visitar.” (p.IV; 28).*

Sobre os motivos que levavam os brasileiros a se transferirem para o sertão, ou, como disse Baro: *“nos abandonarem assim e à sua própria nação”,* encontramos: a situação de fome na antiga aldeia, como no caso de Daniel; o atual estado de guerra, como no caso de Vvioquin; e o abuso dos “comandantes” de brasileiros, caso do *“grande bando de brasileiros”* trazidos por Mandubi, cujos argumentos transcrevemos:

”..que os oficiais dos brasileiros residentes mais abaixo os ameaçavam constantemente de expulsão, e, por isso, tinham resolvido procurar outra

morada, ligando-se aos tapuias, a fim de facilmente conseguir víveres nas matas para eles próprios, suas mulheres e crianças. Sofriam muito no lugar que iriam deixar e, estando no mato, poderiam resistir a seus inimigos e servir a seus amigos. Desejavam construir uma grande aldeia e manter-se em paz pelo seu número, sem nada temer, sustentando o esforço de guerra, se isso fosse necessário.” (p.IV; 30)

Abusos estes, que também aparecem na insistência demonstrada pelos brasileiros na obtenção de salvo-conduto de Baro, apesar de estabelecidos na região dominada por Janduí e da alegação de que só teria validade com a aprovação dos “Nobres Poderosos” no Recife; posto que, para eles, o documento serviria: “..a fim de que nenhum oficial brasileiro pudesse obrigá-los a partir de suas residências, desejando estabelecer-se no lugar onde estavam, caso não fossem molestados pelos oficiais brasileiros, cujo domínio não podiam aturar; que, de outro modo, iriam para tão longe que ninguém os poderia encontrar, pois preferiam obedecer aos estrangeiros que aos de sua nação” (p.IV; 34). Segundo Nieuhof, na rebelião dos brasileiros do Ceará, de 1644, quando massacraram a guarnição do forte e os operários das salinas próximas do rio Upanema ⁴⁰: “se buscarmos a verdadeira explicação desse desastre, encontrá-la-emos nos desmandos dos nossos oficiais que, por seus abusos e arbitrariedades, forçaram os moradores da região a reagirem contra as injúrias recebidas.” (Nieuhof; p.94).

Ainda sobre este aspecto, encontramos em Gonsalves de Mello o registro de que, segundo suas pesquisas, a proximidade da capital, ou uma comunicação fácil com o Recife, como em Alagoas, Goiana e Paraíba, teria favorecido o cuidado e interesse do

⁴⁰ Citada por Janduí como Ipanema (p.XI; 79)

governo flamengo com os ameríndios aldeados; enquanto o afastamento e as dificuldades de comunicação com Pernambuco, como no Rio Grande, no Ceará e no Maranhão, parecem ter facilitado todo o gênero de exploração dos naturais. Registrando ainda que os “comandantes”, que se encarregavam do governo civil e da direção do serviço dos indígenas: “*não eram pessoas recrutadas com requisitos especiais; muitos não tinham em mira senão enriquecer rapidamente.*” (Gonsalves de Mello; p.207).

Dando prosseguimento a fase de interpretação, ainda nos aspectos internos, abordaremos algumas passagens pouco claras; aquelas que, através de nossos instrumentos auxiliares, podemos fazer mais compreensíveis ou mesmo modificar o que não corresponda ao que dizem nossas fontes. Entre as que mais se relacionam as idéias básicas que escolhemos para trabalhar, encontramos uma “correção” – o “brasiliano” João Straffi – e algumas referências presentes ao longo do texto para as quais um pouco mais de informação poderia favorecer uma melhor leitura.

A redação do parágrafo 4: “*Preparei-me imediatamente para partir e tomei para acompanhar-me João Straffi, brasileiro, três tapuias e quatro cães, para termos em caminho com que caçar e obter alimentos*”, pode levar a interpretação de que João Straffi, que também aparece em outras circunstâncias no documento, seria um brasileiro. Segundo Gonsalves de Mello, que adota a grafia Jan Stras, este companheiro de viagem seria um aprendiz polonês de Baro; citando o registro de uma Dag. Notule de 11 de março de 1647: “*Baro chegou a interessar algumas pessoas nessa vida de aventuras;...com ele é que quis trabalhar certo polonês, Jan Stras.*” (Gonsalves de Mello; p.203).

A afirmação de Janduí, em 1647, de que: “*há vinte e cinco anos que só guerreio a favor deles* “ (p.VII; 48), a rigor, pelo fato da primeira ação militar conjunta registrada ter sido em 1633, merece uma consideração. Segundo Câmara Cascudo, em

sua referida *História do Rio Grande do Norte*, os primeiros contatos que levariam a aliança de Janduí com os holandeses, conforme os registros de Johannes de Laet, se deram em 1625, quando a esquadra de Hendrikszoon voltava da frustrada tentativa de salvar o domínio holandês na cidade de Salvador ⁴¹. Devido ao escorbuto que atacava a tripulação, ancoraram na baía da Traição, construindo alojamento para os enfermos, fazendo patrulhas para observar o país e estabelecendo contato com indígenas. Ao partirem, levaram vários selvagens, os quais retornariam, na conquista de Pernambuco, falando holandês e servindo como animadores da adesão entre os indígenas à causa holandesa. A aliança, propriamente dita, se concretizaria em 1631, com o envio às terras do Rio Grande de uma missão de negociação, incluindo alguns destes citados “animadores”, em resposta a um enviado do rei Janduí, que havia se apresentado ao Conselho, propondo uma aliança com os invasores. (Câmara Cascudo; p.60,61).

Outras passagens às quais podemos agregar algumas informações são as ligadas a mineração, como o registrado no parágrafo 83, onde Baro, pernoitando na aldeia de brasileiros perto do rio Potengi, demonstrou interesse por algumas pedras, e, como registrado em seguida: “; *pedi a meus hóspedes que me arranjassem outras iguais. Eles trouxeram-nas imediatamente e eu guardei-as para apresentá-las aos Nobres Poderosos. Verificando que as mesmas me agradavam, trouxe, à tarde, maior quantidade do que antes e ensinaram-me o lugar onde as apanhavam no morro grande.*” (p.XII; 83). Com base nas pesquisas de Alfredo de Carvalho: ainda que desde os primórdios da invasão “*gananciosos mercadores e audazes rapinantes*” procurassem reunir todas as informações possíveis e empregassem todos os meios para descobrir e explorar minas; foram, em geral, vítimas de “*engenhosos embusteiros*”, pagando bom dinheiro por minérios imprestáveis e falsos informes: “*em sítios de onde jamais*

⁴¹ DE LAET, Johannes *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*. Trad. de José Higinio Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, Rio de Janeiro, 1916. Citado por

conseguiram retirar a mínima partícula de metal precioso.”. (Carvalho; p.110). Ainda segundo este autor, o citado Ministro Steffen seria um destes aventureiros, responsável por uma das muitas tentativas de encontrar boas jazidas na capitania do Rio Grande, autor de diversas epístolas, tanto ao Conselho, quanto à Assembléia dos XIX, sobre suas “descobertas”; tendo registrado Carvalho:

“Foi, porém, de breve duração a carreira de Jodocus à Stetten como explorador de minas. Ao tempo que redigia, cheio de esperanças, a narrativa dos seus portentosos descobrimentos, rebentava a insurreição pernambucana, as guerrilhas de Camarão começavam a infestar o território onde jaziam os seus pretensos tesouros, e o Supremo Conselho se absteve de renovar tentativas em direção ao Cunhaú.” (Carvalho; p.121).

Seguindo a ordem dos itens a serem abordados nesta fase de valoração, teríamos nesta altura o que os autores denominam de “Área de problemas tratados”, ou seja: *“perfilar los motivos, critérios o principios que han originado los problemas o temas básicos”* (Lara Peinado, Rabanal Alonso; p.35). Pelo que podemos entender, estes objetivos já foram razoavelmente alcançados ao longo das considerações anteriores.

O item seguinte, denominado “vigência cronológica e espacial”, propõe uma análise quanto a aplicação de normas, instituições, religiões – normas de conduta ou costumes – procurando verificar suas conseqüências. A formação de Roulox Baro, com as várias contingências sugeridas pela sua biografia, por si só poderia ser um argumento para justificar a dificuldade de uma análise envolvendo “normas de conduta ou costumes” Dentro dos limites desta monografia, não nos aprofundaremos quanto a estes aspectos, nos reportando as dificuldades detectadas por Marcus J. M. de Carvalho,

Ph.D. em História da América Latina, Professor de História da Universidade Federal de Pernambuco, no artigo “Elos Partidos, Elos Tecidos”. Conforme destaca este autor, a novidade do que aconteceu na América levou, por um lado, os europeus a uma dificuldade em *“equacionar mentalmente a nova experiência de modo a colocá-la dentro dos referenciais lógicos do mundo já conhecido por eles”*; e por outro, o “caldeirão cultural “ por que passaram os próprios habitantes do continente, onde grupos indígenas, antes independentes, ou até inimigos entre si, tiveram que adotar novas estratégias de sobrevivência, como consequência: *“também não tinham referenciais precisos para entender o que lhes estava acontecendo”* ⁴². Considerações estas que acreditamos transferíveis para o processo de que trata o nosso documento; indicando uma complexidade que exigiria em sua análise um estudo específico.

Concluindo a valoração, o último aspecto interno a ser averiguado é quanto a possíveis teses ou hipóteses sustentadas pelo autor no texto. Em nosso caso, pelo menos dois juízos parecem estar implícitos quanto a situação encontrada e que seu relatório deveria, por definição, reportar. Um deles, para o qual já destacamos a leitura de Moreau, seria a situação de Janduí, evidenciada pela necessidade de “implorar” ajuda militar, de crescente isolamento entre seus antigos aliados indígenas. O segundo, com menos referência explícita ainda, traduziria uma situação de “convulsão social”, presente, mas cujo reconhecimento aparentemente não interessava registrar, ainda em função do assassinato de Jacob Rabbí.

A segunda e última parte da interpretação, quanto aos aspectos internos do texto, se refere as suas respectivas críticas. Na denominada “crítica de interpretação”, se procura uma análise tanto o que diz o documento de uma maneira “literal”, quanto no seu sentido “real”, ou seja, em relação com sua circunstância histórica. Quanto a

⁴² **CARVALHO, Marcus J. M. de** “Elos Partidos, Elos Tecidos”. Palestra proferida no seminário “O mundo que o Português criou”. Disponível em: [\[\(*\)\]](#). Acesso em: 15 jan. 2002.

primeira, em função dos conhecimentos exigidos em relação ao idioma utilizado pelo autor, tais como: os sentidos particulares em função da época, do país, do meio onde foi produzido, do vocabulário específico do autor, etc.; precisamos recorrer aos exames anteriores de autores com notório saber nestes assuntos que trabalharam com o nosso texto. Podemos registrar neste sentido – além da ausência de indicação de falhas de interpretação na estrutura do texto pelos diversos historiadores que o utilizaram – em especial o aval de José Honório Rodrigues, pela revisão da tradução que utilizamos, e o de José Antônio Gonsalves de Mello, em seus estudos incluídos no *Tempo dos Flamengos*. Examinando a significação dentro do contexto histórico do momento, ou seja, o que o autor parecia dizer com seu texto, através das diversas referências dos cronistas, a mensagem principal seria: “*Roulox Baro encontrou Janduí disposto a permanecer sempre seu amigo e ser-lhes fiel no futuro, como fora no passado*” (Moreau, Baro; p.66); que Janduí: “*implorou, então, a assistência dos holandeses e Roulox Baro prometeu-lhe um poderoso socorro do Recife*” (Idem); e que seriam necessárias novas remessas de presentes, como indicado em diversas ocasiões, inclusive com relação aos presentes que acabara de levar, e que, segundo Baro, Janduí: “*. Não deixava de aceitar o que os Nobres Poderosos meus senhores lhe enviavam, na esperança de que, no futuro, lhe seriam enviados objetos mais belos e melhores.*” (p.VIII; 52).

Quanto a “crítica de exatidão”, isto é, a verificação quanto a existência de erros históricos no texto, as características de certas informações envolvidas na narrativa de Baro tornam de grande complexidade uma comprovação da veracidade. O fato de ter sido observador direto do que relata e de ser conhecido como tendo passado “*toda a sua juventude com os tapuias*”, ou seja, um conhecedor da cultura dos interlocutores, reduzem a um mínimo as principais causas deste tipo de “erro”. Considerando que um

texto é sempre o reflexo do que um autor gostaria de dizer, podemos avaliar que seguramente Baro não registrou tudo que viu ou sentiu; assim como deve ter feito generalizações e aproximações por dificuldades na obtenção de algumas informações. Neste ponto, as informações históricas que dispomos nos permitem tecer algumas considerações sobre os possíveis interesses – individuais ou coletivos – que o levariam a escrever de determinada maneira.

Em termos coletivos, as circunstâncias externas inerentes ao desenrolar de uma guerra obrigavam Baro a, entre outras providências, deixar claro em seu texto não ter demonstrado nenhum sinal de fraqueza nas forças do seu partido, e, ainda, tomar os devidos cuidados para ocultar quaisquer dados que pudessem ser usados pelos inimigos, no caso de seu texto cair em mãos dos seus antagonistas. Este tipo de influência circunstancial pode até justificar possíveis “erros” em nomes de referências geográficas – eventuais rotas – ou de povos ou líderes envolvidos – movimentos de tropas . Adicionalmente, devemos ter em mente que, como destacam os autores do método utilizado, as convenções, costumes e usos de uma época têm seu próprio código, o qual fica refletido, consciente ou inconscientemente nos textos (Lara Peinado, Rabanal Alonso; p.38).

No que se refere aos interesses individuais, podemos apenas arrolar, segundo nosso critério, elementos que ajudem o leitor a avaliar o quanto teriam influído na produção do texto. Um fator que poderia levá-lo a cometer alguma distorção relevante, na medida em que encarasse como sendo um benefício, seria a oportunidade que se desenhava de uma consolidação do seu nome como principal intermediário entre a Companhia e os poderosos aliados tapuias, cargo que tradicionalmente acarretava uma grande fatia do poder na capitania do Rio Grande. Esta circunstância estaria evidenciada por algumas indicações que encontramos em nossas fontes. A partir de sua contratação

pela Companhia em 1643, como recompensa aos serviços anteriormente prestados como explorador, o nome de Baro acompanhava o do intérprete mais antigo, Jacob Rabbí, e o do comandante militar da capitania Joris Garstman – ou com os deles se alternava – nos registros referentes as atividades dos tapuias de Janduí nas nossas fontes. O poder que Rabbí detinha em relação ao controle destes aliados, como parece indicar os documentos já mencionados, teria se mantido até a sua eliminação física em 1646. A liderança de Garstman na capitania, construída desde a tomada pelos holandeses e cuja trajetória, que inclui “a aquisição em 1637 do engenho de Cunhaú “ (Câmara Cascudo; p.65), e o “casamento com uma brasileira” (Gonsalves de Mello; p.143), tinha sido então suspensa pelo seu afastamento resultante do trágico final de suas disputas com Rabbí. Outros elementos aparentemente dignos de nota são: a carga que o depoimento de Baro fez contra Garstman no inquérito da morte de Rabbí – onde afirmou ter recebido a sugestão de que devia matar Rabbí, mas que Garstman não quis transformar em “*ordem formal*” – e que acabou contribuindo no afastamento de Garstman (Carvalho; p.181); e a intenção de Baro, manifestada posteriormente, de se instalar como criador de gado na capitania, que, como já mencionado, teria sido recusada pela Companhia. Segundo Câmara Cascudo, em sua, já citada, *História do Rio Grande do Norte*, Garstman não chegou a ser deportado. Após um protesto dos soldados holandeses contra a prisão de seu tenente-coronel, teria sido libertado pelo Supremo Conselho do Recife, seguindo ordens dos superiores na Holanda, em 1648; com o seu posto rebaixado para major. Tendo assumido o comando da milícia no Ceará em 1649; situação onde se encontrava em 1654, quando entregou a praça as forças portuguesas, voltando então para a Holanda. (Câmara Cascudo; p.75)

CONCLUSÃO

“Assim, surge uma nova bibliografia que tem contribuído não apenas para ampliar a visibilidade de povos indígenas numa história que sempre os omitiu, como também revela as perspectivas destes mesmos povos sobre seu próprio passado, incluindo visões alternativas do contato e da conquista.”

John M. Monteiro ⁴³

Esta terceira fase do comentário, segundo a sugestão dos autores do método, deve apresentar uma síntese do documento; destacando em que aspectos de interesse colabora para o conhecimento histórico no qual se insere; procurando, com base nas análises desenvolvidas, dar o sentido geral do texto, uma avaliação do alcance e de seu interesse último.

A *Relação da Viagem ao País dos Tapuias*, é um relatório emitido por um funcionário da Companhia das Índias Ocidentais, intérprete junto aos tapuias, narrando a missão que lhe foi confiada: procurar, no “país dos tapuias”, vizinho da capitania do Rio Grande, o líder Janduí para negociar a manutenção do apoio na luta contra os rebeldes “pernambucanos”, sendo portador de presentes e de correspondência enviados pelos Senhores do Conselho do Recife. Trata-se de um documento – relatório de viagem – com autor conhecido; datado; emitido por autoridade administrativa, e dirigido aos superiores hierárquicos baseados na “capital” do Brasil Holandês. Como vimos na segunda fase, nosso documento, além das partes com enfoque etnográfico, que ficaram fora deste comentário, possui caráter diacrônico enquanto crônica de viagem, além de trechos sincrônicos onde mostra uma visão de situações onde povos diversos compõem

momentos históricos. O autor, observador direto dos acontecimentos narrados, tivera acesso anterior aos elementos culturais dos interlocutores, além de, por força de sua formação e tipo de atividade, evitar considerações retóricas comuns em redatores profissionais, minimizando importantes fontes de “erros”. O primeiro tradutor – do flamengo para o francês – por trabalhar como secretário na administração central de Recife, na época dos acontecimentos, ou seja, estar imerso tanto nas características de linguagem quanto na problemática envolvida, reunia condições para desempenhar seu trabalho sem maiores dificuldades. Os condicionamentos externos, em termos coletivos – a situação de guerra e os códigos próprios da época – aparecem de forma razoavelmente evidente refletidos no texto, facilitando suas considerações conscientes na leitura. Em termos individuais, temos a consciência, como abordamos na fase anterior, de que o autor tinha motivos para cometer distorções e/ou omissões em função das circunstâncias que envolviam diretamente o futuro imediato de sua carreira profissional.

Dentro da linha geral adotada, buscar desenvolver as idéias básicas presentes no texto que mais se relacionassem com o “objetivo”, sugerido pelo professor John Monteiro, de, através da releitura de documentos coloniais, produzir um: “*renovado retrato da participação das populações indígenas diante do avanço dos europeus*”; encontramos em nosso texto três grupos de referências que poderiam ser destacadas para efeito de análise. Primeiramente, numa preocupação que, apesar de ultrapassar nossa questão específica, nos parece também para ela digna de consideração, as referências que implicam numa melhor percepção dos limites geográficos envolvidos no processo de domínio holandês no nordeste; posto que, uma noção mais nítida dos espaços ocupados tanto pelos europeus quanto pelos indígenas ainda nos parece um dos

⁴³ **MONTEIRO, John Manuel** “O Desafio da História Indígena no Brasil”. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro; USP. Disponível em

fatores pouco destacados na bibliografia sobre o tema. Em seguida, e onde nosso documento se revela mais fecundo, temos as indicações a partir das quais podemos analisar o relacionamento das autoridades administrativas holandesas com os tapuias de Janduí; tendo como roteiro básico os diálogos deste líder com Baro. Concluindo com o conjunto de elementos referentes a atuação dos tapuias como garantidores de um espaço no sertão para os brasileiros descontentes.

O muito de subjetividade que possa transparecer na proposta dos autores do método utilizado, onde se busca na História não um julgamento mas uma compreensão, e que pretende que esta venha através da própria compreensão do autor do comentário; ao final dos trabalhos nos parece objetivamente útil na revelação de aspectos de difícil detecção por outros métodos. Aproveitando as análises das idéias desenvolvidas nas diversas etapas em considerações sobre os acontecimentos ocorridos na fase imediatamente posterior a viagem de Baro, acredito que estas se mostrarão úteis numa avaliação do interesse do documento para uma percepção do momento histórico em que foi produzido.

A oportunidade de se contar com uma narrativa, com as características desta relação, produzida em um momento onde se revelou uma radical mudança na situação do quadro estratégico na relação entre os invasores e seus tradicionais aliados, parece justificar o desenvolvimento deste comentário dentro de padrões metodológicos formais. Esta referida mudança se mostra mais nítida na relação com o núcleo administrativo do Brasil Holandês, do que com a comunidade da capitania do Rio Grande. O que poderíamos resumir como: o momento no qual as forças de ocupação perceberam que não mais poderiam contar, nem com a participação ativa, nem com a

“ameaça” representada pelos aliados selvagens do sertão para controlar a população, já em plena insurreição.

Utilizando os dados pesquisados por Ernst van den Boogaart, com base nas citadas “*Dagelijksche Notulen*”, poderíamos montar o seguinte quadro como um “final” para os feitos abordados no texto comentado: De volta de sua viagem, o Conselho teria fornecido a Baro, após alguma relutância, um pequeno grupo de soldados, munição, fardas e ferramentas. Apesar deste auxílio Janduí teria sido derrotado pelos inimigos. O Conselho enviou um reforço de vinte homens para, com o auxílio de índios aliados do Ceará, vingarem esta derrota. Após uma segunda derrota, os tapuias de Janduí e seus aliados do Ceará se recolheram ao forte Ceulen. Em junho de 1648 já aparecem restabelecidos no sertão, promovendo as habituais incursões na capitania; tendo Baro renunciado, sendo substituído por Pieter Persijn. Mantendo a lealdade até a capitulação das tropas da Companhia no Rio Grande, negociando com os colonos e sendo visitados no sertão anualmente por Persijn, os tapuias de Janduí foram incluídos na cláusula de anistia para os índios que ficaram do lado dos holandeses ⁴⁴.

Numa visão mais abrangente, o relacionamento dos tapuias de Janduí com as autoridades do Brasil Holandês, na fase posterior a missão de Baro, registra Nieuhof, no final de outubro de 1647: “*os tapuias, exasperados pelo assassinio de seu comandante Jacob Rabbi, abandonaram-nos. O Conselho fez o que pôde para os acalmar aprisionando e desterrando Garstman, o autor do delito e confiscando seus haveres. Contudo, não se conseguiu persuadir os tapuias que se reunissem a nós como antes.*” (Nieuhof; p.307). Esta seria a última referência aos tapuias de Janduí, tendo o cronista partido em julho de 1649. Devemos procurar indicações sobre o que poderia ser este tipo de “reunião” que não mais podia acontecer. Como vimos acima, no que se refere as

relações com os colonos e autoridades locais do Rio Grande, não se registraram grandes alterações até a capitulação do forte Ceulen em finais de 1653. Entre as situações que com a derrota de Janduí frente aos aliados dos portugueses não poderiam se repetir teríamos, além da participação direta no expurgo de rebeldes, como ocorrera no Rio Grande e na Paraíba, a possibilidade da utilização daqueles tapuias para enfrentar os revoltosos no sul da colônia, cogitada, por exemplo, ainda em 1645, conforme registra Nieuhof:

“Enquanto isso se passava, o Conselho do Brasil Holandês discutia, de 5 a 10 de julho (1645), se, para a segurança do país, não necessitariam do auxílio dos tapuias sob o comando do rei Janduí residente no Rio Grande. Para esse fim o chefe indígena já havia reunido grande força próximo a Cunhaú, principalmente depois que os portugueses cometeram toda sorte de barbaridades contra os holandeses e convocaram os selvagens denominados Rodelas, da Bahia. Entretanto, levando em consideração as devastações que forçosamente acarretaria a marcha de um povo bárbaro, através do país, julgaram de bom alvitre nada decidir sobre esse ponto, até que se comunicassem com o Tenente-Coronel Haus, a quem despacharam imediatamente uma carta sobre o assunto.” (Nieuhof; p.182)

Em carta de 19/7/1645, onde respondia ao Conselho sobre os motivos alegados pelos portugueses do Brasil Holandês para as atividades dos rebeldes que o governo na

⁴⁴ BOOGAART, Ernst van den. “Infernal Allies: The Dutch West Índia Company and the Tarairiu – 1631 – 1654. In. Galindo M., Almeida, L. F. (Editores) *Índios do Nordeste: Temas e Problemas*. Maceió, EDUFAL, 2000

Bahia estaria apoiando, numa atitude que poderia ser interpretada como quebra da trégua celebrada entre o rei de Portugal e o Governo holandês, o Governador Antônio Teles da Silva assim mencionava a citada ameaça tapuia que pesava sobre a população, segundo registro de Nieuhof: *“Os portugueses sob seu governo comunicaram-me as razões que os impeliram a esta rebelião, solicitando o meu auxílio na qualidade de súdito do Rei meu Senhor. Disseram-me que receavam ser sacrificados à fúria de 4000 Tapuias especialmente enviados do Rio Grande para esse fim.”* (Nieuhof; p.177).

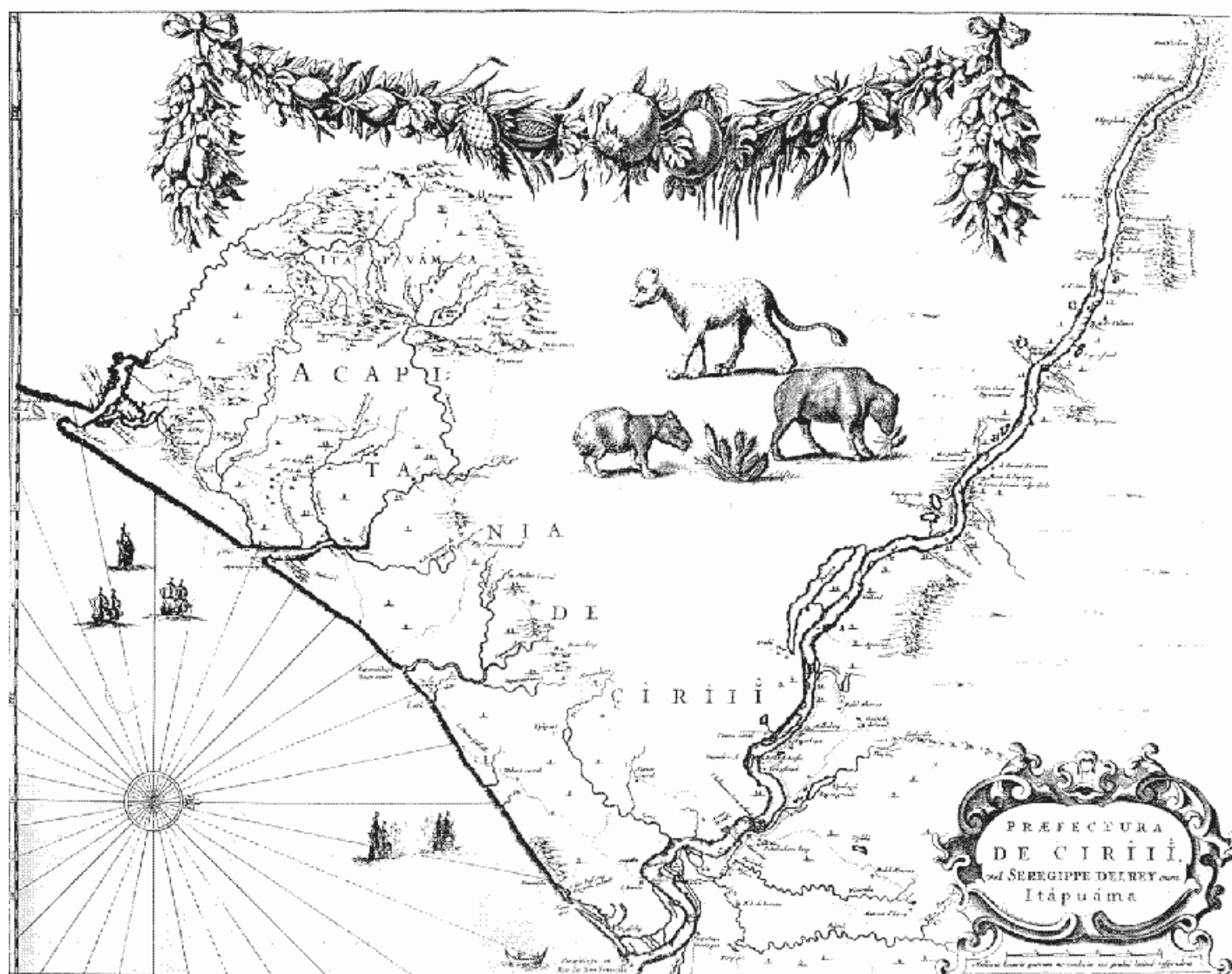
A opinião do Frei Manuel Calado, citada com frequência na bibliografia sobre o tema, de que seriam os tapuias *“a causa e o principal instrumento de os holandeses se apoderarem de toda a capitania de Pernambuco e de a conservarem”*⁴⁵, parece encontrar respaldo nas repetidas referências dos cronistas tanto aos massacres promovidos contra os portugueses, quanto a uma “justificativa” para os mesmos – o ódio gerado pelas atitudes anteriores contra eles – e, ainda, as ressalvas morais de que os holandeses “não tinham podido evitar”. A ameaça da possibilidade de que os holandeses “permitissem”, mais uma vez, o que incentivaram na tomada do Rio Grande, em 1633, talvez possa ser contabilizada como mais efetiva para a manutenção do domínio, do que as ações onde efetivamente estes aliados tenham atuado em conjunto.

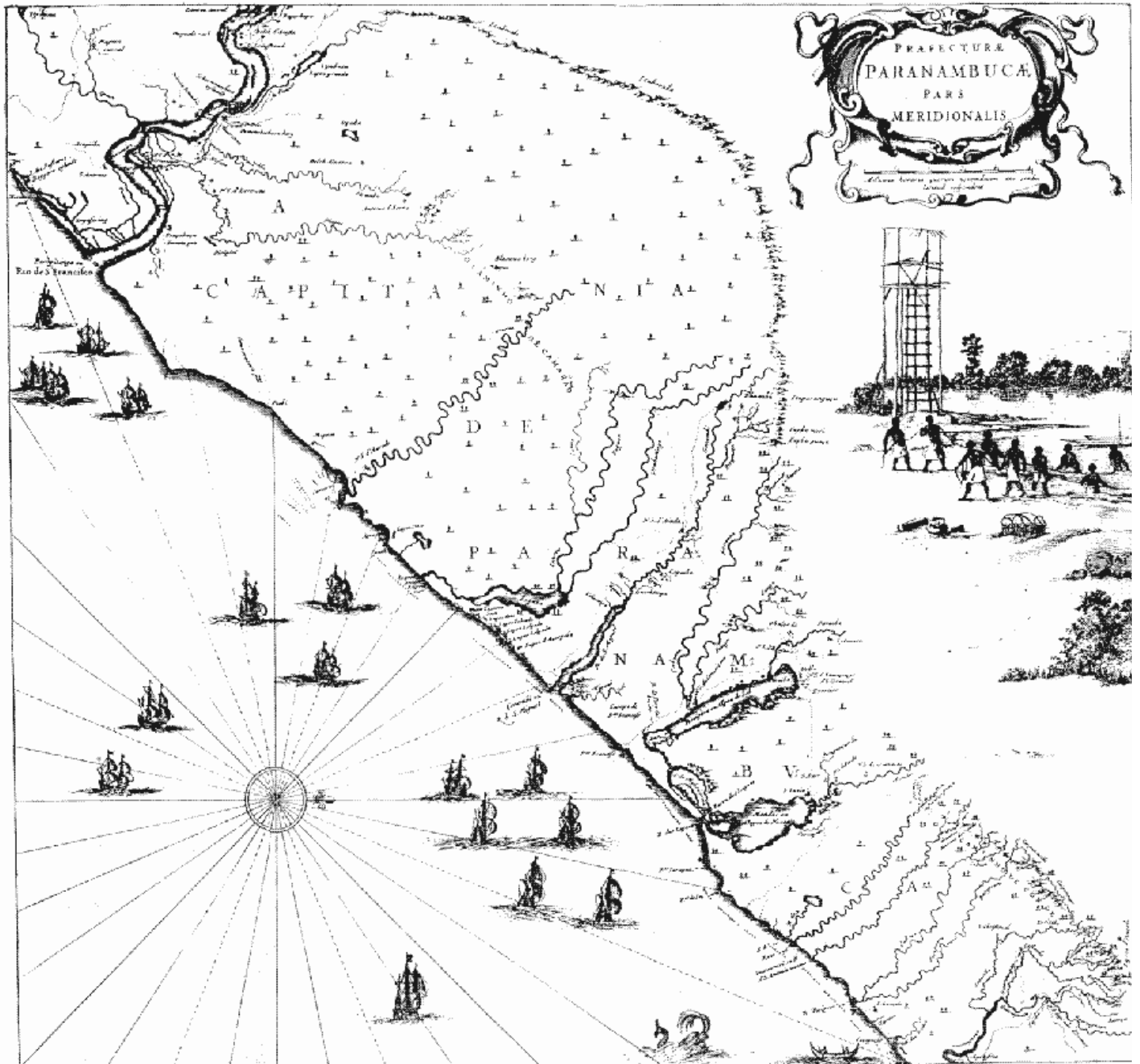
Ainda sobre os registros em nossos cronistas sobre a fase posterior à viagem de Baro, temos as informações de Moreau sobre as condições da região no período, quando, de volta a Europa, enumerando as razões que o fazem não acreditar na possibilidade dos holandeses restaurarem seus domínios após estarem reduzidos ao controle das fortalezas do Rio Grande e da Paraíba, além do Recife, afirmando que estas pouco lhe servem na reconstrução de um campo onde o *“que lhes resta desde o Ceará até a cidade de Olinda está inteiramente perdido e sem habitantes; as casas,*

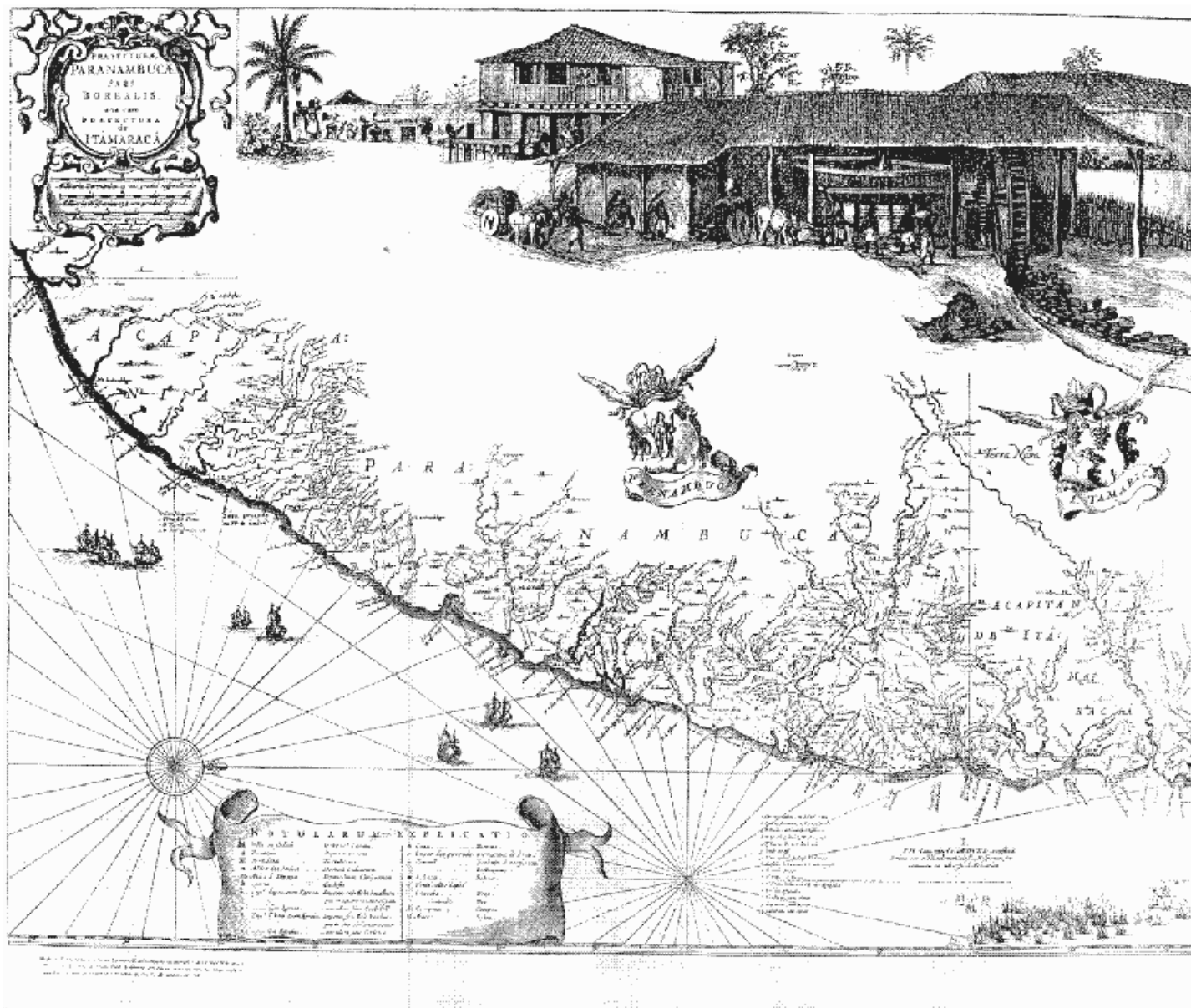
⁴⁵ CALADO, Frei Manoel. *O Valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade* (1648). Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1987

povoações, aldeias ou vilas, e até as árvores frutíferas, foram queimadas e devastadas, sendo-lhes, assim, inúteis e sem proveito.”; não vindo delas nenhum socorro para os que tentam uma colonização: “pois aqueles que se emancipam e vão reconstruir pequenas cabanas, a fim de cultivar a terra, ou se arriscam algumas vezes a distanciar-se, são surpreendidos e mortos quando menos o esperam pelas freqüentes incursões dos portugueses, dos tapuias e dos brasileiros desunidos, que não têm piedade de ninguém”.(Moreau, Baro; p.85).

Acreditamos que as análises desenvolvidas no comentário da *Relação da Viagem ao País dos Tapuias* – na medida em que tenham levantado aspectos que contribuam para um melhor entendimento da aliança dos tapuias de Janduí com os invasores holandeses – possam colaborar na avaliação das motivações que levaram aos massacres destes selvagens registrados como “guerras dos bárbaros” impostos pelos portugueses no final do XVII. Em sua anteriormente citada tese de doutorado sobre este tema, P. Puntoni observa que “*as guerras dos bárbaros foram em grande medida o resultado imediato da desestabilização das alianças militares firmadas no período mais agudo do conflito Brasil-Holanda e do realinhamento conseqüente destes mesmos grupos.*” (Puntoni; p.40). Adicionalmente, os registros compilados ao longo das diversas fases do trabalho podem servir para uma melhor percepção da situação do campo onde se processaria esta nova fase do “avanço dos europeus”.







REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. Capistrano de *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu & Livraria Brigueu, 1954

_____. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ALBUQUERQUE COELHO, Duarte de *Memórias diárias da guerra do Brasil 1630-1638*. Recife: Secretaria do Interior, 1944

BARLEUS, Gaspar *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1980. Fac-símile da edição do Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1940. Tradução e Notas de Cláudio Brandão

BOOGAART, E. van den “Infernal Allies – The Dutch West India Company and the Tarariu – 1631 – 1654” In. **GALINDO, M. , ALMEIDA, L. S. (Eds.)** *Índios do Nordeste Temas e Problemas*. Maceió, EDUFAL, 2000.

BOXER, C. R. *O Império Marítimo Português. 1415-1825*. Trad. Lisboa: Edições 70, s/data.

_____. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola 1602-1686*. São Paulo: Cia. Editora Nacional / Edusp, 1973.

CALADO, Frei Manoel. *O Valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade* (1648). Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1987

CARVALHO, Alfredo de *Aventuras e Aventureiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Paulo Pongetti & Cia., 1920.

_____. “Um Intérprete dos Tapuias”. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. XIV, n. 78, 657-667

CARVALHO, Marcus de “Elos Partidos, Elos Tecidos”. Palestra proferida no seminário “O mundo que o Português criou”. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, s/data Disponível em: **Erro! Indicador não definido..** Acesso em: 15 jan. 2002.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1984

DANTAS, B. et alii “Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico” *In. CUNHA, Manuela C. (Org.) História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DE LAET, Johannes *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*. Trad. de José Higino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, Rio de Janeiro, 1916.

GONSALVES DE MELLO, José Antônio *Tempo de Flamengos*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco. 1978.

LARA PEINADO. Frederico., RABANAL ALONSO, Manuel Abilio. “El Comentario de textos históricos”. *In: __. Comentario de textos historicos*. 4 ed. Lérida: Dilagro, 1987

MOREAU, Pierre; BARO, Roulox. *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e Relação da Viagem ao País dos Tapuias*. Belo Horizonte / São Paulo: Ed. Itatiaia / Edusp, 1979. Tradução e notas por Leda Boechat Rodrigues. Nota introdutória por José Honório Rodrigues.

MONTEIRO, John Manuel “O Desafio da História Indígena no Brasil”. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro; USP. Disponível em {<http://www.bibvirt.futuro.usp.Br/textos/humanas/educação/temática/cap9.html>} Acesso em Julho/2002

NIEUHOFF, Joan *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Belo Horizonte / São Paulo: Ed. Itatiaia / Edusp, 1981. Traduzido do Inglês por Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica biográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues

PIRES, Maria Idalina da Cruz *Colonização e conflito: o povoamento do sertão nordestino e a guerra dos bárbaros*. Tese de mestrado defendida na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

PISO, Guilherme e MCGRAVE, George. *Historia Naturalis Brasiliae*. Leide, 1648. 1ª. trad. Brasileira, São Paulo, Imprensa Oficial, 1942

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia “Rompendo o Silêncio: Por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas.” Revista Ethnos, Ano II, Número 2 – Janeiro/Junho de 1998.

Disponível em {<http://www.biblio.ufpe.br/libvirt/revistas/ethnos/palegre.htm>} Acesso em julho/2002

PUNTONI, P. *A Guerra dos Bárbaros*. Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. “Tupi ou Não Tupi? Uma Contribuição ao Estudo da Etnohistória dos Povos Indígenas no Brasil Colonial”. In. **RISÉRIO, Antônio (Org.)** *Invenção do Brasil*. Salvador: MADE, 1997

Disponível em {<http://www.biblio.ufpe.br/libvirt/revistas/ethnos/puntonni.htm>} Acesso em julho/2002

RAMINELLI, R. *Imagens da colonização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RODRIGUES, José Honório *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949

TEENSMA, B. N. “O Diário de Rodolfo Baro (1647) Como Monumento aos Índios Tarairiú do Rio Grande do Norte” In. *Revista Ethnos*. Ano II, n. 3 Jul/Dez 1998

Disponível em [B. N. TEENSMA](#) Acesso em jan. de 2002

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1995

RELAÇÃO DA VIAGEM AO PAÍS DOS TAPUIAS : UMA LEITURA

ANEXO 1

Transcrição da tradução de Leda Boechat Rodrigues para a *Relação da Viagem ao País dos Tapuias* de Roulox Baro, conforme foi publicada, como anexo da *História das Últimas Lutas entre Holandeses e Portugueses* de Pierre Moreau, em 1979, em conjunto pelas editoras Itatiaia de Belo Horizonte e EDUSP de São Paulo. A numeração dos parágrafos serve apenas como referência interna ao estudo, não constando em nenhuma edição do texto fonte.

- (9) *Interprete e embaixador ordinário da Companhia das Índias Ocidentais, da parte do Ilustríssimo Senhores das Províncias Unidas, ao país dos tapuias, na terra firme do Brasil.*
- (10) *Começada a três de abril de 1647 e terminada a 14 de julho do mesmo ano.*
- (11) *No dia 3 de abril de 1647 recebi dos nobres e poderosos Senhores Presidente e Conselheiros que representam o alto e soberano governo do Brasil, em nome dos altíssimos e poderosíssimos Estados Gerais das Províncias Unidas dos Países Baixos, Sua Alteza o Príncipe de Orange e a nobre Companhia das Índias Ocidentais, ordem de dirigir-me ao país dos tapuias, vizinhos do governo do Rio Grande, a fim de com eles tratar, segundo as instruções contidas na minha comissão.*
- (12) *Preparei-me imediatamente para partir e tomei para acompanhar-me João Straffi, brasileiro, três tapuias e quatro cães, para termos em caminho com que caçar e obter alimentos.*
- (13) *Sáímos no dia seguinte do lugar denominado Incareningi, situado na mencionada província do Rio Grande, onde eu morava, e passamos em frente à casa do Tenente-Coronel Garstman, que fica próxima ao Rio Camaragibe, e como não pudéssemos atravessá-lo a nado, por ser muito largo, tomamos o caminho da Campina, à direita; onde dormimos.*
- (14) *No dia seguinte, 5 de abril do dito ano de 1647, fomos obrigados a voltar e dormir em minha casa, impedidos de prosseguir devido ao transbordamento das águas.*
- (15) *No dia 6 mandei alguém verificar se poderíamos passar pelas minhas roças para nos dirigir-mos à aldeia dos brasileiros e fui informado de que seria possível fazê-lo a nado.*
- (16) *No dia 7 fomos à dita aldeia, mas ninguém quis atravessar o rio conosco, pois a água estava tão alta que inundava todo o campo, que de si já era deserto, possuindo poucos arbustos e árvores, sendo chamado comumente por uma palavra espanhola de Campinos*
- (17) *No dia 8 e 9 dirigimo-nos para o Rio Potengi e, deitamo-nos num sítio pantanoso de onde as chuvas nos expulsaram.*
- (18) *Na manhã do dia 10, tendo as águas baixado, pegamos nas poças onde os peixes tinham ficado retidos, alguns peixinhos que os selvagens chamam de paramiri, acaramiri e tamoatas. Pela tarde, tendo os nossos cães encontrado um bando de animais selvagens, pegamos um e, não podendo avançar, por ser o rio Potengi muito largo, voltamos ao Rio Grande, onde estava a minha casa*
- (19) *Daí partimos no dia 16 do dito mês de abril, tendo as águas baixado, para ir dormir na Campina.*

- (20) *No dia seguinte chegamos à margem do Camaragibe, que parecia um mar e tinha tal correnteza que era impossível atravessá-lo, o que nos obrigou a arrear caminho e a voltar, ainda uma vez, à minha casa, onde nos regalamos com dois veados que havíamos apanhado naquele dia..*
- (13) *No dia 21, além dos homens que tinha comigo, tomei dois na aldeia dos brasileiros, para nos conduzirem ao outro lado do rio, onde chegamos aproximadamente ao meio-dia. Vieram ao nosso encontro dez tapuias que tinham atravessado o Rio Potengi a nado e entre eles estava Muroti, filho do velho Janduí, seu rei. Comunicou-me que seu pai mandara dizer-me para vir encontrá-lo logo, pois o inimigo lhe pedira sua colaboração. Retruquei-lhe que havia três semanas deixara minha casa para defrontar o rei seu pai e fora impedido pela enchente. Respondeu-me que me ensinaria um lugar pelo qual facilmente eu poderia passar com os meus.*
- (14) *No dia seguinte entreguei ao referido Muroti os presentes que Suas Senhorias, os nobres e poderosos Senhores representantes dos Estados Gerais, enviaram ao rei Janduí, seu pai, rogando-lhe que os fizesse levar pelos seus acompanhantes.*
- (15) *No dia 23, tendo passado o castelo do Senhor de Keulen e o Rio Potengi, enviei à minha frente dois brasileiros, a fim de reconhecerem os trechos indicados e avisar Janduí ou sua gente da minha chegada. Entretanto, de passagem, no dia 24 do dito mês fomos cortesmente recebidos na casa de Schouten, recebedor de direitos da Companhia das Índias Ocidentais, que nos ofereceu aguardente e depois nos mandou conduzir além de Pitimboa, onde pegamos um porco do mato, que fomos comer na Campina, onde pernoitamos.*
- (16) *Ao amanhecer, embora os nossos cães tivessem sido feridos pelos porcos, não deixamos de pegar um veado, que foi moqueado pouco depois, às margens do Rio Pirauste, onde chegamos muito tarde.*
- (17) *No dia seguinte atravessamos a nado o Rio Monpabu, cujo curso é extremamente violento. Tendo feito fogo na outra margem, a fim de secar nossas roupas, os homens de Muroti pediram-me permissão para ir caçar e pegar alguns animais no curral de André Classen, o que lhes recusei, dizendo-lhes que havia suficiente nos bosques e campos sem entrar nos parques dos particulares; e ameacei de mandar amarrar a uma árvore o primeiro que o tentasse. Eles me redargüiram que logo que me deixassem iriam matar tudo que pudessem pegar no mencionado curral. Disse-lhes que se eles o fizessem eu saberia como tratá-los, - “E que nos farás? Perguntaram.” – “ Compete a ti ou aos holandeses agir contra nós? Pois mesmo que tivéssemos cometido toda sorte de maldade, como recentemente fizeram os do Ceará, viríeis sempre procurar-nos tendo em vista a paz”.*
- (18) *Respondi-lhes que de tal modo castigaria os do Ceará pela sua traição, que isso lhes serviria a eles próprios de exemplo e que, se eu me havia fiado neles, no passado, doravante deles desconfiaria. Então, para mostrar que pouco ligavam ao que eu lhes afirmava, entraram no dito curral e apossaram-se de duas vacas, que queriam matar. Dirigindo-me a Muroti, avisei-o de que me queixaria a seu pai, que não o mandara ao meu encontro para comportar-se mal. Jurei que qualquer deles que descesse, daí em diante, ao Rio Grande sem a senha que eu próprio daria à Janduí, seria preso no forte e que eu o castigaria à minha discrição. Muroti nada retrucou e, tendo anoitecido, fomos repousar.*
- (19) *No dia 27, tomamos o caminho chamado Garstman, lugar para onde se haviam retirado recentemente os nossos inimigos, repelidos pelos habitantes da aldeia dos selvagens nossos amigos, situada em nossa Capitania, onde o Ministro Stetten foi ferido ao voltar de uma mina de ouro, que ficava do lado do poente do nosso Castelo do Rio Grande e atingimos o lugar em que Janduí tinha acampado com sua gente, quando o povo de Cunhaú foi massacrado pelos*

habitantes seus vizinhos junto com os portugueses. O maior cuidado que tiveram Muroti e seus acompanhantes foi o de reunir os ossos dos que haviam sido mortos neste combate de Cunhaú e de guardá-los cuidadosamente para a ocasião que mencionaremos mais adiante.

- (20) *Empregamos o dia seguinte na procura do caminho de Corra da Mina guiados pela bússola, rumo sul, e pegamos dois veados, oito grandes porcos do mato e três pequenos, e ainda mais cinco; depois de ter dado comida aos meus cães, os tapuias puseram-se em ação, preparando, limpando, cortando em pedaços e moqueando as carnes de um lado e os intestinos de outro. Não esperavam que as carnes acabassem de assar; comiam-nas ainda sangrentas e saciavam-se avidamente até não poderem mais. Deste modo passaram a noite.*
- (21) *Continuaram o festim no dia seguinte; os mais galhardos foram procurar mel silvestre e frutas, dos quais compõem uma bebida que é chamada de uva, aqueles que a bebiam logo vomitavam e recomeçavam a comer como antes; os outros dormiam um sono longo e profundo.*
- (22) *No dia 30, visitamos a aldeia de Vvarremei, orientada do poente para o norte, em direção a uma serra alta, onde passamos a noite, em meio de grandes bosques, debaixo da chuva.*
- (23) *Primeiro de maio. Tendo atravessado diversas moitas de espinheiros e rochedos pontudos, caminhando ora para o Setentrião ora para o Ocidente, encontramos-nos à margem do Rio Monpabu, que atravessamos a nado; tinha mais de uma légua de largura e na outra margem uma pequena ilha, onde descansamos até o dia seguinte, segundo do dito mês. Isso nos fez sofrer muito, porque caímos em matas cheias de espinhos e foi preciso abri-las a golpes de machado e com as mãos para podermos passar. Finalmente, chegamos ao cume de uma serra, de onde descobrimos a das Minas. Aí esgotamos duas árvores cheias de mel silvestre e, tendo caçado, ceamos, sobre um pequeno outeiro, uma grande serpente chamada cascavel, um tenro pássaro chamado avestruz e dois tatus, que matamos graças aos meus cães e às flechas dos tapuias que me acompanhavam junto com Muroti, sem que tivéssemos coisa alguma para beber.*
- (24) *A 3, seguindo do Ocidente para o Norte, atravessamos campos pedregosos e espinhentos até a nascente do dito Rio Monpabu, onde acampamos. Entrementes, um dos nossos tapuias avançou até a serra vizinha, a fim de lá procurar um companheiro seu que ali vinha freqüentemente.*
- (25) *Partimos na madrugada seguinte e caminhamos rumo ao sul entre rochedos, onde pegamos ratos chamados yperie, que assamos e comemos com mel silvestre.*
- (26) *No dia 5 do corrente, tendo encontrado e seguido a pista de um homem, voltamos à mencionada nascente do Monpabu, seguindo daí até a de um pequeno rio sem nome, onde nossa ceia foi um pouco de mal silvestre..*
- (27) *Os dias 6 e 7 decorreram cansativos e com pouca caça, e então avistamos a serra que precisávamos alcançar para encontrar os brasileiros; pouco depois chegamos a uma aldeia, Terapissima cujo chefe era João Vvioauin, o qual nos recebeu amavelmente e nos deu para comer milho, daquele que em França é chamado trigo da Turquia, ervilhas e favas, e deu-nos a beber mel silvestre. Encontramos com ele os tapuias, cuja pista havíamos seguido desde as cabaceiras do Rio Monpabu.*
- (28) *No dia 8, Vvioauin veio procurar-me e, tendo-lhe eu perguntado que fazia ele nestas matas, tão distante de nós e de seus compatriotas, respondeu-me que era por causa da guerra, mantendo-se em paz com os seus vizinhos, os tapuias, e dando-lhes de boa vontade o que tinha, quando estes o vinham visitar. Que, entretanto, os inimigos tinham estado duas vezes em sua casa, a fim de procurar atraí-lo para o seu partido. Tinham feito o mesmo com Janduí há um mês e ele não sabia o que haviam resolvido juntos, nada mais conhecendo a*

respeito senão o que tinha ouvido dizer pelos tapuias que moravam a uma distância dele de apenas dois dias de marcha

- (29) *Pedi-lhe que me dissesse onde estava esse bom velho Janduí. Respondeu-me que estava na mata com sua gente, fazendo para viver, e que não há muito viera em sua aldeia, a fim de visitar suas roças, e voltaria quando as mesmas estivessem maduras. Que, sem dar-me grande trabalho, eu mandasse procurar e imediatamente viria encontrar-me, pois sabia bem que ele me estimava, tendo-o ouvido muitas vezes falar sobre mim.*
- (30) *De manhã cedinho, ordenei que fossem procurar o ancião e, cerca de meio-dia, um dos que eu enviara, chamado Mandubi, chegou de volta e disse-me que trazia em sua companhia um grande bando de brasileiros, que iriam habitar perto da Aldeia de Vviaouin, caso eu lhes quisesse dar um salvo-conduto. Perguntei-lhes como sabiam da minha chegada e porque me pediam salvo-conduto; se tinham feito mal a alguém, uma vez que queriam mudar de residência. Responderam que sabiam muito bem da minha chegada, que os oficiais dos brasileiros residentes mais abaixo os ameaçavam constantemente de expulsão, e, por isso, tinham resolvido procurar outra morada, ligando-se aos tapuias, a fim de facilmente conseguir víveres nas matas para eles próprios, suas mulheres e crianças. Sofriam muito no lugar que iriam deixar e, estando no mato, poderiam resistir a seus inimigos e servir a seus amigos. Desejavam construir uma grande aldeia e manter-se em paz pelo seu número, sem nada temer, sustentando o esforço de guerra, se isso fosse necessário.*
- (31) *Propus à todos esses brasileiros que, se promettessem nada tentar contra os holandeses e seus aliados, mas, ao contrário, seguir o seu partido e interesses perante e contra todos, serem amigos de seus amigos e inimigos de seus inimigos, bem como avisar-me de tudo quanto se tramasse contra eles no Rio Grande, onde eu morava, eu os receberia sob a minha proteção e salvaguarda. Assim me juraram. Prometendo-me conduzir incontinenti à minha presença todos os de seu grupo. A fim de fazerem o mesmo, desde que eu lhes desse o salvo-conduto que pediam, esperando a aprovação dos Nobres Poderosos e o consentimento dos senhores da Companhia das Índias Ocidentais.*
- (32) *O sol apenas se levantava quando o principal da aldeia, João Vviaouin, despachou seus homens para a caça e à procura do mel silvestre; alimentando-nos daquilo que trouxeram*
- (33) *No dia 11, cerca de dez horas da manhã, os brasileiros do vale chegaram à aldeia onde estávamos, e seus habitantes os receberam com altos gritos de contentamento e demonstrações de alegria.*
- (34) *Isto feito, pediram-me todos um salvo-conduto, a fim de que nenhum oficial brasileiro pudesse obrigá-los a partir de suas residências, desejando estabelecer-se no lugar onde estavam, caso não fossem molestados pelos oficiais brasileiros, cujo domínio não podiam aturar; que, de outro modo, iriam para tão longe que ninguém os poderia encontrar, pois preferiam obedecer aos estrangeiros que aos de sua nação. Informei-lhes que, mesmo que eu lhes desse um salvo-conduto de meu próprio punho, isto de pouco lhes serviria sem a aprovação dos Nobres Poderosos meus Senhores, aos quais eualaria ao chegar ao Recife, e lhes remeteria o que me pediam logo que o recebesse. Pediram-me que lhes desse mesmo assim o salvo-conduto solicitado provisoriamente, enquanto esperavam a confirmação dos Senhores, porque no sertão havia tapuias e brasileiros que recrutavam todos aqueles que encontravam, o que causava grande temor entre eles; de posse do salvo-conduto, nada mais temeriam, e diriam a todos os que viessem procurá-los que nenhum poder tinham mais sobre eles, visto que pertenciam à minha nação e não à deles; prometiam-me permanecer fiéis e descobrir as traições tramadas contra nós, mediante remuneração. Todos assim o juraram e também os seus chefes, que eram quase em número de vinte e seis. Feito isto, dei-lhes o salvo-*

conduto, cujo teor era este: Que ninguém se atrevesse a tirar brasileiros destes lugares, nem ultrajá-los por meio de palavras ou de outra qualquer forma. Eles estavam autorizados a construir ali uma nova aldeia, fazer plantações e residir tanto e tão longamente quanto perseverassem em sua fidelidade, obrigando-se a notificar, incessantemente, por mensageiro especial, aos nossos que estivessem no Rio Grande, os atentados e traições que se praticassem contra os nossos. Feito provisoriamente e dependente da aprovação dos Nobres Poderosos, a 11 de maio de 1647.

- (35) *Isto feito, escrevi os nomes de todos, como se houvessem alistado; pelo que ficaram muito satisfeitos e contentes.*
- (36) *No dia 12, dois brasileiros e uma mulher apresentaram-se na aldeia, queixando-se de que eu viera para enganá-los e lavá-los para fora do sertão, segundo lhes haviam assegurado os de Potengi. Tive bastante trabalho para desfazer este boato, perguntando-lhes de onde tinham tido notícia desta mentira. Responderam-me que fora de um certo Luís Caravata, português, e de um chamado Vitapitanga, tapuia, que era de seu partido. Comuniquei-lhes que se os capturasse, ensinar-lhes-ia a falar a verdade e não mais fazer correr boatos maldosos contra a minha pessoa, entretanto, que eles se preparassem para partir no dia seguinte, à procura do velho Janduí.*
- (37) *Cerca de nove horas da manhã seguinte, encontramos-nos ao pé de uma serra, próximo do Rio Potengi, em um belo sítio arenoso onde, outrora, o nosso exército vencera quarenta e oito chefes portugueses com os brasileiros seus aliados. Alguns de nossos homens repousaram, enquanto os outros foram à cata de víveres, trazendo-nos farinha de suaçú, mel silvestre e ratos.*
- (38) *No dia 14, alguns tapuias disseram-me que tinham esquecido, na aldeia de onde partiram no dia anterior, parte dos presentes que eu destinara a Janduí e madeiras de diversas cores, pelo que retornaram, e de tarde vieram encontrar-me com dois brasileiros carregados de milho, que traziam em meu nome, como se eu lhes tivesse dado semelhante ordem. Perguntei aos tapuias que tinham trazido estes brasileiros quem os havia encarregado de ir buscar milho em meu nome, e eles me disseram querer concluir o luto de um de seus parentes que havia morrido e precisavam de milho para misturá-lo com a farinha e os ossos do morto pulverizados, a fim de comê-los. Zanguei-me com eles por me terem feito crer que haviam esquecido os presentes que eu lhes entregara para Janduí. Responderam-me ter agido assim porque temiam ser despedidos, caso me tivessem declarado sua intenção. E que os brasileiros não queriam dar-lhes o milho senão em meu nome. – “Visto que vós vos servistes falsamente do meu nome, retruquei-lhes, quero que estes dois brasileiros que o trouxeram o levem de volta; eu não vim para tirar-lhes seus bens, mas para conservá-los e defendê-los, uma vez que eles são tão meus amigos quanto vós.”.*
- (39) *Os dois brasileiros não quiseram ou não ousaram retornar o milho e, dizendo que lhes bastava saber que os tapuias os haviam enganado, e disso ficavam advertidos, voltaram à sua aldeia. Enquanto isso, aqueles que tinham ido à caça durante o período de repouso tomaram milho e ratos e imediatamente se puseram, com os seus companheiros, à pilar os ossos do morto, que misturaram com a farinha deste milho e, depois de misturado, comeram tudo.*
- (40) *No dia 15, depois de ter atravessado o rio, tomei três homens comigo, deixando o resto do bando na caça de ratos e, não querendo esperar os outros que marchavam muito lentamente, continuei o caminho. Orientei o meu rumo para o norte, e assim prossegui o dia 18, quando enviei um de meus homens até aqueles que eu tinha deixado atrás de nos. Nesse dia perdi dois de meus cães, que foram mortos pelos javalis.*
- (41) *A 19 cheguei à Serra Montagina, habitada até há pouco por brasileiros, mas na aldeia encontravam-se apenas um ancião e duas velhas, que me disseram não estar ali seu chefe ou principal, dito Diego, mandei procurá-lo por um*

rapazinho que o conduziu até mim, à tardinha. Disse-me que Janduí lhe dera este lugar para nele habitar com os seus, mas o mesmo não era seguro contra os seus inimigos, motivo por que era obrigado, ao primeiro ruído de guerra, a abandoná-lo e fugir para o mato. Ponderei-lhe que eles eram uns sem-vergonha por nos abandonarem assim e à sua própria nação. Respondeu-me que não eram sem-vergonha, mas que, não tendo recorrido aos seus inimigos, aos quais não podiam resistir, era prudente fugir; oprimidos pela fome em sua aldeia, tinham sido obrigados a procurar seus amigos para obter víveres, quando deles careceram. Sem isso, sentir-se-iam felizes em viverem em paz, pois, devido à sua pobreza, só raramente eram atacados pelos seus inimigos, e dispunham de todas as matas ao redor para uma retirada segura. Janduí deixara-lhes a liberdade de cultivar estas terras, e eles tinham plantado raízes e semeado ervilhas e favas, além daquilo que encontravam nas florestas. Não eram ingratos para com Janduí, a quem davam, liberalmente, uma parte daquilo que haviam plantado e semeado; à hora que ele falava, seus homens estavam nas roças semeando milho; não tinham ainda varas de raízes de fazer farinha, mas Janduí lhes prometera dá-las quando, com o bom tempo, descesse ao vale. Afirmei-lhes que, quando viessem do lado do Rio Grande, eu os receberia cortesmente e pedi-lhes que tomassem cuidado de não ofender ninguém.

- (42) *No dia 22, dois tapuias vieram dizer-me que Janduí se dispunha a marchar contra o inimigo. Resolvi, imediatamente, juntar-me a ele. Diego pediu-me para esperá-lo até que reunisse os seus homens. Pela tarde chegaram três filhos do velho Arara, que me apresentaram com mel silvestre.*
- (43) *Tendo Diego me indicado com o dedo o lugar onde acreditava que eu poderia encontrar Janduí, partindo do sul para o norte, escolhemos no acaso nosso caminho, o qual estava coberto de grandes formigas chamadas capiara, que íamos comendo enquanto caminhávamos, com um pouco de milho, até que topamos com um rio chamado Turracoa, que corre da Serra Vvarhauaa, descendo ao mar pelo lado do sul.*
- (44) *Chegando o dia 22 de maio, marchamos entre o sul e o poente através de pântanos, matos, rochas e espinheiros, sem encontrar qualquer trilha, até o Rio Itaqueria. Aí encontrei quatro homens a cavalo, que Janduí despachara ao meu encontro, e imediatamente, fiz voltar um deles a fim de avisá-lo da minha vinda. Atingimos o quartel-general de Janduí cerca de três horas da tarde, extremamente molhados. Disseram-me que ele tinha partido dez dias antes, deixando apenas as mulheres e crianças, com a ordem de dar-me de comer, caso eu chegasse, e de dizer-me que eu o esperasse até a sua volta.*
- (45) *Comi do que me deram; os meninos empregaram o dia seguinte e os subseqüentes a procurar mel selvagem para mim, e as mulheres, raízes de mandioca para fazer-me farinha.*
- (46) *No dia 26, cerca de meio-dia, o bom ancião Janduí chegou com todos os seus homens; abraçaram-me gritando, chorando, saltando, pelo espaço de mais de duas horas. Isto terminado, apresentei-me a ele e, depois de saudá-lo, disse-lhe que estava contentíssimo pelo seu feliz retorno. Agradeceu-me, dizendo que eu era bem-vindo e perguntou-me se havia alguma novidade entre nós outros, os holandeses, que tivesse motivado a minha viagem. Respondi-lhe que, graças a Deus, não sofriamos qualquer falta; tínhamos recebido socorro e hortaliças da Holanda, e depois disso nossa força volante se apoderara do Rio São Francisco e a nossa armada conquistara aos portugueses a Ilha de Itaparica e três léguas de terra na Baía de Todos os Santos. Retrucou-me que tinha ouvido justamente o contrário da gente de Camarão, que lhe assegurara que nós estávamos em tal estado de penúria que dentro em breve seríamos forçados a nos render. Perguntei-lhe onde estavam esses mentirosos; replicou-me que ignorava, embora logo que fora informado tivesse ele próprio corrido atrás*

deles, para picá-los em pedaços. Depois fez trazer machados, machadinhas, foices e outros objetos, e acrescentou: - “Eis aqui os presentes que me enviaram há pouco, convidando-me para seguir o seu partido contra vos outros, holandeses, prometendo-me mandar muitos outros, caso eu quisesse ser dos seus. Veja estes machados, estas machadinhas, estas foices, estes facões e outros instrumentos de ferro; a menor peça vale mais que tudo aquilo que os vossos Senhores holandeses jamais me enviaram.

- (47) Não soube que responder-lhe, sendo obrigado a perguntar-lhe se somente por causa destes belos presentes que os portugueses lhe haviam dado, queria ele romper conosco, contra sua promessa. - “Tu bem saberias responder-me, que se eu tivesse podido alcançá-los, não sobraria ninguém. E foi por isso que te enviei o meu filho Muroti, que deve ter-te dito que os persegui até o Rio Paraíba e obriguei-os a atravessá-lo a nado.”
- (48) Então eu lhe dei a carta que os Senhores Nobres poderosos lhe dirigiam, dizendo-lhe que os presentes que estes lhe haviam remetido estavam nas mãos de seu filho e de seus homens, aos quais eu os entregara. Respondeu-me que eles lhe seriam agradáveis e os examinaria no dia seguinte. Fora e era ainda amigo dos holandeses, os quais jamais tinham dado motivo de queixa de sua fidelidade. Disse-lhe que estes não duvidavam absolutamente disso, e que quando ele tivesse necessidade de socorro o encontraria prontamente. - “Sempre assim me prometeram, replicou, e verei no momento da necessidade; há vinte e cinco anos que só guerreio a favor deles e teria sido muito fácil para mim chegar a um acordo com os meus vizinhos e reunir aqueles que se revoltaram contra mim. Eles me odeiam porque eu não os segui e porque não fiz nas minhas terras como eles fizeram no Ceará, onde degolaram os vossos homens”.
- (49) Estava cansado e quis ir logo deitar-se, tendo-lhe eu exortado ainda a perseverar em sua fidelidade, da qual, assegurei-lhe, seria largamente recompensado.
- (50) No dia 27, Janduí mandou perguntar-me se eu queria fazer-lhe companhia; juntei-me a ele, e as mulheres se encarregaram daquilo que eu lhe ofertara. Quando estávamos a uma légua além do Rio Itaqueria. Levantaram-lhe um caramanchel de galhos com as suas folhas, onde repousou muito pouco, tendo-me feito chamar incontinenti, para mostrar-lhe os presentes que eu lhe trouxera. Depois de vê-los, sacudiu a cabeça e disse-me: “Não valia a pena trazer-me tais coisas de tão longe. Os portugueses têm razão de dizer que o ferro dos holandeses não vale nada e menos ainda seus espelhos e pentes; nunca vi coisas tão desprezíveis. Eu estava acostumado a receber antigamente de vossa gente belas trombetas, grandes alabardas, belos espelhos, lindos copos e belas taças bem trabalhadas, que guardo em minha taba para mostrá-los aos outros tapuias que me vêm visitar, dizendo-lhes: um certo senhor holandês me enviou isto, outro aquilo. Conservo ainda o que Schkoppe, Arciszewski, Sua Excelência e vossos generais me mandaram; nada sofreu alteração com o tempo e o uso, com exceção de algumas trombetas que se quebraram, das quais mandei que se fizessem flautas.”
- (51) Repliquei-lhe que aquilo com que eu lhe presenteava tinha vindo recentemente da Holanda e que nós nada possuímos de melhor; que era preciso que ele não se deixasse levar pelo que lhe diziam os portugueses, porque não eram nossos amigos.
- (52) - “Não, não, disse ele, eu bem vejo que os machados que me deram são mais bonitos e de melhor têmpera do que os vossos; não faço caso, porém, dos presentes deles, porque sei muito bem que são uns impostores”. Não deixava de aceitar o que os Nobres Poderosos meus senhores lhe enviavam, na esperança de que, no futuro, lhe seriam enviados objetos mais belos e melhores.

- (53) *Depois, tendo ordenado a seus homens que guardassem o que eu lhe oferecera, levou-me alegremente para jantar com ele. Terminada a refeição, mandou reunir os rapazes, que lutaram uns com os outros na areia, e disse-me que assim se fazia para dar-me boas vindas. No dia seguinte, carregariam a árvore, coisa que ainda não haviam feito durante o ano, porque ele esperava a minha vinda, e daí em diante faria continuar este exercício até o dia de seu aniversário. Agradei ao rei e aos seus acompanhantes pela honra que me dispensavam. Veio a noite, que passamos estendidos na areia, debaixo da chuva.*
- (54) *Ao nascer o sol, o ancião ordenou às mulheres que fizessem farinha e aos homens que fossem à caça de ratos e voltassem logo após o meio-dia, afim de correr a árvore. Obedeceram e, entremontes, dois tapuias trouxeram sobre suas espáduas dois troncos de árvores de corravearas, de mais de vinte pés de comprimento. Tiraram-lhe a casca na chama do fogo e poliram a madeira toda em volta, sem deixar nenhum nó. E quando todo o povo regressou, cada qual pintou o corpo de diversas cores. Isto feito, aqueles que tinham apanhado ratos soltaram-nos na planície, depois parte deles carregou prontamente aqueles troncos, correndo com uma velocidade inigualável atrás dos ratos; quando um deles parecia cansado, outro o substituíu sem retardar a corrida, que durou mais de uma hora. Depois de terminada, cada um que voltava contava como e de que modo perseguira, ferira e matara os ratos. O ancião Janduí corra com eles e era coisa maravilhosa ver-se um homem de mais de cem anos (segundo a opinião dos seus, de mais de cento e sessenta) correr com tanta destreza. Isto causou tal admiração a João Straffi, um dos que eu trouxera comigo do Rio Grande, que ele acreditou tratar-se antes de um demônio que de um homem.*
- (55) *Janduí, de volta, dirigiu-me estas palavras: - “Que dizes, meu filho? Este jogo não te parece divertido?” Respondi-lhe que sim e que me comprazia vê-lo tão robusto e desembaraçado. Pôs-se a rir e perguntou-me porque não lhe trouxera fumo, e se não sabia que o que plantara se perdera por causa da chuva, com uma boa parte do seu milho. Respondi-lhe que seu filho Muroti pudera ver como a enchente tinha arruinado minhas roças; de outra forma, eu lhe teria trazido fumo e milho em abundância. O que existisse no tempo da colheita estaria a seu dispor e ao dos seus; contanto que não enviasse homens armados para pedir esses víveres, pois os que vinham de sua parte à Capitania do Rio Grande não se contentavam com o que se lhes dava de boa mente, mas queriam tudo carregar, com ameaças de morte, dizendo um deles: “Eu sou o Capitão fulano”, outro, que era filho de Janduí; um terceiro, que era senhor de tal lugar, e assim por diante, e com essas palavras levavam os trastes e o gado dos moradores.*
- (56) – *“Eis uma boa conversa, comentou Janduí. Meus homens sempre se contentaram com algumas ferramentas que puderam apanhar e não era preciso fazer tanto barulho por um pouco de carne que tivessem levado e comido. Quando Jacó Rabbi vivia, juntava-se aos seus tapuias, com os quais descia à minha Capitania do Rio Grande e aí dizendo a este e àquele: “Dá-me um animal para minha gente, porque de outro modo eu mesmo o mandarei matar. Este Jacó tivera maior poder sobre os seus do que eu, porque fazia-se temer dos habitantes, ao passo que eu os temia”.*
- (57) *Repliquei-lhe que Jacó Rabbi jamais tivera quer o poder, quer o comando que eu possuía; era um homem de má vida, odiado dos seus e de todos aqueles que o conheciam; eu não cuidava de imitá-lo, temendo acabar como ele.*
- (58) – *“Jacó Rabbi, continuou ele, tinha mais poder do que tu; estava sempre próximo de um bom comando e acompanhado de diversos soldados, ao passo que tu vens aqui sem comando e sem um soldado.”*
- (59) – *“Não desejo, disse-lhe, ser acompanhado de ladrões, como ele o era, que poupavam os inimigos para saquear os vizinhos e amigos.*

- (60) “- *“Tu crês, então, disse-me ele, que os tapuias mortos no Rio Grande e Cunhaú o foram justamente?”*”
- (61) – *“Não digo isso, respondi-lhe : quis dizer que era uma felicidade Jacó Rabbi ter morrido, porque se ainda vivesse seria obrigado a prestar contas das extorsões e pilhagens que praticara contra os seus, e que ninguém poderia inocentá-los.”*
- (62) – *“Não, replicou, mas se tu falasse com maior brandura a mim e a minha gente do que o fazes, terias maior satisfação do que pensas, pois eles não toleram ser tratados rudemente.”*
- (63) = *“Se eles se abstiverem, disse-lhe, de maltratar a minha gente e os que estão sob a minha proteção, eu lhes darei presentes da Europa.”*
- (64) – *“Eles assim o farão”, respondeu-me, e tomando-me pela mão conduziu-me a cear com ele frutas do jenipapu e caldo feito com mandioca e milho.*
- (65) *No dia 29, o ancião fez saber que todos tinham que marchar; ele, João Straffi e eu iríamos adiante. Teríamos feito uma hora de caminho quando os rapazes que corriam as árvores, das quais acima falamos, passaram por nos, correndo tão depressa que a terra parecia tremer sob seus pés e não pararam de correr até que chegaram ao rio, que era o lugar onde deviam tomar fôlego para, imediatamente, irem à caça dos ratos e à cata de mel silvestre. Voltando pediram-me fumo, dizendo que não podiam levar a cabo qualquer sacrifício, sem ele, tendo-se passado três luas desde o último que tinham feito. Disse-lhes já ter informado Janduí de que as águas haviam destruído as plantações que eu possuía. Janduí objetou que mandara me avisar com enorme antecedência que lhe trouxesse tudo de que necessitavam e que, fiados nessa esperança, e mais ainda pela curiosidade que os tapuias tinham de ver-me, tinham-se reunido em grande número há muito tempo, e nesse período haviam consumido suas provisões. Que os jovens Vvaiupu, Iacurui, Vvariju e Preciaua, aborrecendo-se com a minha demora, tinham pedido licença para retirar-se para suas moradas e que, em seguida, a maior parte se tinha ido embora. Que com estes e outros, ele, Janduí tinha perseguido os inimigos. Pedi-lhe que não mais se fiasse nos brasileiros, pois, de outro modo, lhe pregariam alguma peça e ele não tinha razão para confiar naqueles que tinham abandonado a sua própria nação, à qual retornariam todas as vezes que a ocasião lhes parecesse favorável. Retrucou-me que teria cautela, e então nos separamos para ir dormir.*
- (66) *No dia 30, os jovens continuaram a correr a árvore e as mulheres nos trouxeram bolas de farinha de mandioca brava, certo peixe chamado Piapau, milho, ratos apanhados nas suas roças e caldo. Tendo alguém trazido fumo, todos puseram-se a saltar de alegria, pois assim tinham com que sacrificar ao Diabo, chamá-lo à fala e consultá-lo sobre seus negócios. O último dia de maio foi empregado em lutas e na caça.*
- (67) *Primeiro de junho. Correu-se a árvore; um capitão dos tapuias, chamado Vvariju, veio visitar Janduí com sua gente conduzida por trinta e quatro chefes e regalaram-se com farinha, ratos e milho, que tinham trazido. Janduí indagou dele o motivo de sua viagem, dizendo-lhe Vvariju que vinha da caça aos inimigos e que, pensando ir juntar-se a Paicu, que a tal o convidara, não conseguira encontrar o caminho. – “Tu devias trazer-me, disse Janduí, os presentes que ele te enviou.” – “Acreditei, replicou Vvariju, que isso não seria necessário, porque eles me asseguraram que tinham vindo de tua parte e que tinham te avisado do seu desejo.” – Isto é falso, disse o ancião; é certo que me enviaram alguns presentes por brasileiros, os quais lhes devolvi, a fim de que me viessem encontrar e trazer-me o resto daquilo que me pertencia. Mas esses marotos tomaram outro caminho e fugiram com a gente de Paicu. Deram-te alguma coisa?” – “Sim, disse Vvariju, machados e facas. Procederam igualmente com Paicu.” Janduí gritou: “Ah! Traidores! Se eu estivesse agora*

ao pé do Rio de Vvariju, daria cabo deles, com suas mulheres e filhos.” Depois, voltando-se para mim, disse: - “Este povo não quer outra coisa senão levar-me para o lado dos portugueses. Não lhes basta ter massacrado os do Ceará, querem acabar com todos os holandeses, eis porque é preciso que te resolvas a voltar aqui com a maior quantidade de soldados que puderes, juntar-te aos brasileiros teus aliados e vires encontrar-me para, todos juntos, nos os atacarmos e destruímos.” Disse-lhe que assim o faria.

- (68) No dia 3 de junho, o velho deu a Vvariju uma parte dos presentes que eu lhe trouxera, sob a promessa de seguir o seu partido, que é o nosso, e despediu-o. Depois disse-me: - “Vês, meu filho, como é necessário que eu dê aos tapuias parte do que me ofereces-te? Pois, de outro modo, eu ficaria só; não tenho o suficiente para distribuir aos outros chefes.” Prometi-lhe que, dali em diante, eu me abasteceria de presentes suficientes para todos.
- (69) No dia 4 fui seguido por alguns tapuias, entre os quais havia doentes que não podiam andar e eram transportados em macas ou leitos de algodão do feitio de redes. Fomos até o Rio Potengi, onde eu deixara parte de minha gente, que me festejou com tapioca, feita de farinha de raízes de suacu, de mantua, mel e ratos.
- (70) A chuva surpreendeu-nos no dia 5 e durante esse tempo as mulheres, amassando barro, fizeram potes para cozinhar, e os puseram a secar.
- (71) No dia 6, os brasileiros, aos quais eu tratara asperamente no dia 19 de maio passado, trouxeram milho e fizão a Janduí a quem se queixaram de que eu os havia chamado de velhacos, porque se tinham posto sob sua proteção. O ancião zangou-se comigo por ter censurado aqueles que se tinham posto sob sua proteção, dizendo-me que eles seriam capazes de pregar-me uma peça, caso a ocasião os favorecesse. Disse-lhe que eles eram exatamente o que eu os chamara, pois conservavam os braços cruzados enquanto todo o país estava em confusão, e tinham desamparado os de sua nação, seus parentes e amigos. Não sabia porque semelhante canalha habitava em paz em sua terra, tendo em vista a liga ofensiva e defensiva que existia entre ele, Janduí, e os holandeses, aos quais aquela gente odiava. Se nós quiséssemos receber aqueles que deixavam seu partido, há muito tempo ele estaria sem tropas. - “Não, não, respondeu Janduí; eu não sustento canalhas nem velhacos; se o soubesse, tê-los-ia feito massacrar a todos.” Eu os adverti de que tivesse cuidado com eles, pois, indubitavelmente, o trairiam. Isto irritou-os e, olhando-me de soslaio, demonstraram sua ira e que, se me pudessem apanhar, se vingariam de mim. Imediatamente pediram licença a Janduí para retirar-se no dia seguinte.
- (72) Assim fizeram, enquanto os homens do rei corriam a árvore como antes. Cerca de meio-dia, dois tapuias de Preciaua vieram ter conosco, assegurando que Paicu e sua gente tinham feito um acordo com os inimigos, resolvidos a vir todos juntos guerrear contra Janduí. Este magoou-se, sentou-se no chão e, após um longo silêncio, disse-me: - “Vês, meu filho, o que se passa? Não queres socorrer-me contra teus inimigos e os meus? Tu me asseguravas há dias que tinhas tanto poder e comando sobre os teus, quanto tivera Jacó Rabbi, e que podias levantar tantos holandeses e brasileiros quantos quisesse. Eis o momento de prová-lo, visto que os nossos inimigos estão muito mais fortes do que eu.”
- (73) Respondi-lhe nestes termos - “É preciso, primeiramente, meu pai, que te informes se a notícia que vem lhe ser dada é verdadeira e, se for, que reúnas tantos tapuias quanto puderes. Por mim, irei à minha morada e te trarei dos meus tudo o que puder conseguir para o teu socorro; mas creio que o que te disseram é inventado; e o tempo irá demonstrar isso.”
- (74) No dia 8, continuou-se a correr a árvore. Entrementes, chegaram brasileiros, dos que habitam as margens do Rio Potengi, conduzidos por dois de seus chefes, Vviauvug e Hipai, que presentearam o velho com milho, ervilhas e

favas, e depois acusaram um certo Diego, brasileiro, do assassinato de outro brasileiro chamado Carajá, pedindo justiça, a qual lhe foi negada por Janduí, dizendo-lhes que era preciso viver em paz uns com os outros e só combater os inimigos; que era despropositado matar os seus, quando se estava em perigo, e ele era mais fraco do que os que vinham atacá-lo, pois aquele que eles acusavam poderia matar dois ou três inimigos. Depois, voltando-se para mim, fez-me prometer-lhe que mandaria João Straffi, no dia seguinte, ao Rio Grande, a fim de ir buscar meus homens em seu socorro.

- (75) *No dia 9, foi-se a caça para alimentar os recém-chegados, que me pediram um salvo-conduto para um dos seus chefes, um brasileiro chamado Baltazar Tamaris, que desejava morar com eles, o que fiz, ressalvada a aprovação dos Nobres Poderosos, mais para agradar os tapuias do que por outra qualquer razão. Durante toda a noite, aquele povo nada mais fez senão discorrer sobre a maneira pela qual avançariam contra o inimigo e o atacariam, não querendo admitir que estes lhes tomassem a dianteira.*
- (76) *Enviei João Straffi na manhã seguinte ao Rio Grande para reunir os meus homens e nós continuamos a marchar junto do grande morro onde achamos mel e ratos em abundância e tendo morrido um tapuia nesse dia, os outros o comeram.*
- (77) *No dia 11, os jovens puseram-se a dançar, para acabar o luto de um de seus principais que tinha falecido.*
- (78) *No dia seguinte, os feiticeiros chegaram junto de nós e reduziram a pó certas sementes de corpamba, que tinham torrado numa panela; depois de misturá-las com água, engoliram-nas. Imediatamente essa beberagem saiu-lhes pelo nariz e pela boca e eles se agitaram como possessos. Disseram-me que celebravam esta cerimônia a fim de que seu milho, ervilhas e favas pudessem amadurecer bem depressa. Os que tinham ido à caça trouxeram um porco da raça miúda chamada teietetu. A chuva durou todo o dia.*
- (79) *A 13 do referido mês (junho), enquanto os tapuias estavam na caça, Janduí, conversando comigo, disse-me que sempre servira aos holandeses em suas necessidades; pelo que pedia retribuição contra aqueles que haviam matado os de minha nação em Salinas e em Ipanema, os quais, indignados pelo fato de eles não terem seguido o seu partido, tendo sido amigos anteriormente, procuravam sua perda; tinham-se aliado à gente de Camarão e aumentado sua armada de grandes e temíveis tropas, que estavam acampadas acima do Paraíba com Vvajapeba, que tinha estado sempre do seu lado e morava longo tempo entre eles na Várzea; eles é que lhe tinham enviado os presentes que me mostrara, da parte do referido Camarão. Que, eles todos se tinham juntado a Paiucu, de sorte que, não podendo resistir-lhes, estava resolvido, caso não fosse socorrido por mim e pelos meus homens, a retirar-se para o Rio Grande, próximo do nosso forte. Este discurso me sobressaltou, pois não tinha nenhuma vontade de vê-lo tão perto de mim. Eis porque lhe disse que não devia ele abandonar a sua terra e que ali devia esperar o inimigo, caso fosse verdadeiro que este estava pronto para atacar.*
- (80) *Chegamos no dia seguinte perto da aldeia dos brasileiros, que estava situada na margem do Rio Potengi e no dia 15 mandamos pedir-lhes milho, favas e abóboras. Janduí fez-me assentar ao pé dele e interrogou-me porque, tendo-lhe eu prometido outrora dois cães, não os havia dado a Muroti, quando este me visitara no Rio Grande. Disse-lhe que não me lembrara e que Muroti também não havia tocado nesse assunto; senão eu teria escrito aos Nobres Poderosos que me permitissem tomar aqueles que eu tinha emprestado à Jacob Rabbi e estavam no Forte da Paraíba. Replicou-me que não tinha importância e que eu lhe deixasse os dois cães que me acompanhavam, até que lhe remetesse os outros dois, pois não podia dispensá-los. Disse-lhe que refletiria sobre isso antes de partir.*

- (81) *A 16, pernoitamos na margem do Rio Potengi, todos molhados, tendo apanhado uma serpente chamada pelos portugueses cobra-veado, de três braças de comprimento, a qual os selvagens puseram num fosso, onde antes tinham feito fogo, para aquecê-lo, depois cobriram-no de terra e esta de faxinas, às quais atearam fogo, a fim de assar a dita serpente. Os feiticeiros reuniram-se no morro vizinho e nós com eles; choveu abundantemente em torno deles e de nós, mas não sobre eles nem sobre nós.*
- (82) *Na manhã do dia 17, tirou-se a serpente do fogo e dela comeram todos os principais, com exceção de Janduí e dos feiticeiros; acharam tanto o que comer nesta cobra como se se tratasse de um grande porco do mato. Não beberam nada durante a refeição, segundo o seu costume; foi preciso ir à aldeia vizinha para aí tomar uma beberagem de milho, que acabara de ser feita. Aí os tapuias, suas mulheres e filhos carregaram-se de milho que encontraram em abundância; durante esse tempo, vieram avisar-nos da parte de Vvajupu que ele avançava em nossa direção, porque corria o rumor que Paiucu se pusera em campo com suas tropas para atacar-nos. Ouvindo isto, Janduí ordenou a todos os brasileiros da aldeia que preparassem suas setas, flechas e arcos, enquanto esperavam socorro dos holandeses, devendo ferir-se o combate logo que este chegasse. Permaneci na aldeia toda a noite, que os tapuias passaram dançando, não obstante aquela notícia.*
- (83) *Como estivesse chovendo no dia 18 de junho, eu me distraía a examinar a minha choça, que era coberta de ramos de palmeiras, quando ali vi uma pedra preta transparente, parecida com aquelas que se encontram na Mina do Ministro Stetten; pedi a meus hóspedes que me arranjassem outras iguais. Eles trouxeram-nas imediatamente e eu guardei-as para apresentá-las aos Nobres Poderosos. Verificando que as mesmas me agradavam, trouxera, à tarde, maior quantidade do que antes e ensinaram-me o lugar onde as apanhavam no morro grande.*
- (84) *A 19, parti da aldeia para alcançar os tapuias, que iam adiante, carregados de milho e de ratos, os quais, na minha presença, furaram o lábio inferior e as orelhas de uma pequena criança e colocaram cavilhas de madeira nos furos. Esta é uma espécie de batismo entre eles; nesta ocasião, dão nome à criança e depois põem-na para dançar.*
- (85) *Foi-nos preciso acampar neste lugar no dia seguinte, pois Janduí estava cansado; o Diabo tinha-lhe aparecido durante a noite, o que logo se tornou conhecido de todo o aquartelamento; imediatamente, todos os fogos foram extintos. O ancião nada mais soube do Diabo senão que uma de suas crianças que estava muito doente se curaria.*
- (86) *Correu-se a árvore no dia seguinte, e no outro visitamos as roças, nas quais o milho e o fumo ainda não estavam maduros. Entretanto, morreu a criança cuja cura o Diabo tinha assegurado. Os tapuias zangaram-se e o expulsaram; mas ele deixou-se ficar, fingindo estar extremamente compungido com a morte da criança, cuja cabeça os tapuias cortaram e cujo corpo retalharam, pondo-o a cozinhar em uma panela. Em seguida, os parentes mais próximos vieram à festa e comeram tudo, inclusive os tenros ossos. E quando nada mais restou, puseram-se todos a lamentar-se, gritando e batendo com os braços. Eis as cerimônias que observaram nessa ocasião.*
- (87) *A 23, tendo marchado até o anoitecer, um ancião apresentou aos tapuias os ossos de diversos parentes seus falecidos, que carregava há muito tempo. As mulheres os depilaram e cortaram bem miúdo os cabelos, que estavam ainda aderidos às cabeças, despejaram mel silvestre em cima e comeram tudo com tapioca. Perguntei porque os homens não tomavam parte naquela festa e disseram-me que a mesma não lhes competia. Quando tudo foi engolido puseram-se a gritar e a chorar, caminhando até que chegaram a um lugar em que nenhum dos seus parentes tivesse morrido.*

- (88) *A 24, os que tinham ido visitar suas roças de milho voltaram trazendo grandes espigas maduras. Janduí disse-me: - “Meu filho, quando chegarem os soldados aos quais escrevestes para virem, terão o que comer”. Respondi-lhe não acreditar que viessem antes de eu estar com os Nobres Poderosos; e antes de fazê-los vir, era preciso saber se o que tinham contado dos seus inimigos era verdadeiro.*
- (89) *Na manhã de 25 chegamos ao morro Matiapoa, na nascente do rio Vvuvvug, enquanto repousávamos, os tapuias foram cortar e transportar cabaças, abóboras, ervilhas e favas dos brasileiros que ali moravam.*
- (90) *A 26, fomos às roças de Janduí, onde se encontrou grande quantidade de milho pronto para ser colhido; ele deu permissão a todos para apanhá-lo e guardá-lo, reservando uma parte para os soldados que iriam chegar em seu socorro.*
- (91) *Desde o romper da manhã seguinte puseram-se todos a colhes o milho e, enquanto procediam à colheita aqueles a quem tinham roubado as abóboras e as favas vieram reclamá-las; foram-lhes devolvidas, mas avaramente. À tarde chegou o principal Vvanjupu, tão cansado que não podia mais sustentar-se, tendo deixado sua gente para trás.*
- (92) *A 28, os tapuias aplainaram um lugar para dançar; e estando o povo reunido, Vvanjupu contou que Paiucu se tinha posto em campo contra Janduí, tendo levantado soldados de todos os lados. Janduí respondeu que haveria de castigá-lo se tentasse fazer-lhe guerra, e logo mandou vir todos os feiticeiros e adivinhos e ordenou-lhes que se preparassem para invocar o Diabo, a fim de que este lhes anunciasse algo de bom. Os feiticeiros retiraram-se para o mato e Janduí foi com eles; após uma demora de duas horas, retornou tão assustado que não podia falar. Afinal, depois de ter descansado, disse-nos com a voz embargada: - “Que podemos esperar, se não pude obter resposta e o espírito e os feiticeiros mandaram-me esperar até amanhã.”.*
- (93) *No dia seguinte Janduí fez saber aos que queriam casar-se que estivessem prontos e comparecessem à noite à sua cabana, onde Houcha, isto é, o Diabo e o Grande Sacrificador deveriam encontrá-los, para dar-lhes a benção. À tarde, os moços lutaram e deu-se a ordem de plantar novamente os roçados. Depois, na escuridão da noite, Houcha veio à choça do ancião. A ele e ao Sacrificador os tapuias apresentaram um grande cachimbo feito de noz de coco, cheio de fumo; essa era a sua benção. Isto feito, todos se retiraram, com exceção dos mais idosos, que perguntaram a Houcha como eles se comportariam nessa guerra. Este calou-se longo tempo, depois, disse-lhes com uma voz horrível: - “Fugireis.” O ancião perguntou: - “E por que fugiremos? Não fui eu, sempre, o senhor dos meus inimigos?” – “Não importa, replicou o diabo. Fugireis; mas voltarei e farei saber quando”. Dito isto, desapareceu, deixando grande espanto e tristeza entre os tapuias.*
- (94) *A 30, Vvanjupu voltou à sua morada e os tapuias prepararam uma ramada para o ancião, contra a ardência do sol. Aí vieram ter as mulheres, chorando a morte de seus maridos. Ordenaram-lhes cessar suas lamentações, devido a festa que se aproximava. Depois do meio-dia, apareceram dez moças cobertas de diversas folhagens. Seguiu-as o Diabo que, carregado invisível dentro de um caramanchel por outras moças e mulheres, mandou que elas se coroassem com folhas e flores de ervilha e de favas, caídas para a frente e para trás. Elas obedeceram e depois puseram-se a dançar e a cantar durante toda a noite.*
- (95) *Primeiro de julho. Os tapuias torraram sementes de corpamba, pilaram-nas i misturaram-nas com água e, a seguir, deram-nas de beber aos feiticeiros. Estes imediatamente puseram-se a correr e a berrar como possesores, dizendo ter Houcha lhes dito que folgassem, e que ele breve voltaria para junto deles. Pouco depois, vieram oito rapazinhos enfeitados de diferentes folhagens, como as moças, seguidas de oito rapazes robustos, os quais, tendo chegado diante da latada preparada para Janduí, de folhas de papai, iampape e baioue, aí se*

assentaram, e cada um deles recebeu um dos rapazinhos que se jogavam deliberadamente em seu colo. Incontinenti, um feiticeiro furou o lábio inferior e as orelhas destes rapazinhos com um espeto de pau pontudo, metendo nos furos pedras brancas; depois carregou-os e levou-os para a sombra da ramada, onde receberam a bênção do Diabo, que estava no caramanchel; era o seu batismo. À tarde, chegaram três tapuias de Preciaua; asseguraram também que Paiucu avançava com seus homens. O ancião disse que isso não tinha importância, e ordenou que desse de comer a esses tapuias; Houcha mandara que todos se conservassem alegres; os que queriam casar-se deveriam preparar-se para a manhã seguinte, de modo que não houvesse aborrecimento.

- (96) Feito isto, homens e mulheres trataram de grudar aos corpos, com goma. Folhas de diversas cores; passava de três horas da tarde, quando os futuros esposos e esposas ficaram prontos. Trinta homens e mulheres da Holanda vestir-se-iam mais depressa que um só desses selvagens. Tinha sido preparada uma ramada para a cerimônia, diante da choça de sacrifícios; dali saíram dois feiticeiros, levando na mão um espeto de madeira pontiagudo, com o qual furaram o lábio inferior e as faces dos que queriam casar-se colocando em cada furo uma pedra branca pontuda. Entraram, então, para a dita ramada ou caramanchel coberto de folhas, onde devia consumir-se o sacrifício com o sangue que lhes escorria do rosto. Antes de partir, depois de executado este sacrifício, um feiticeiro tomou um cachimbo com fumo e, tendo aspirado a fumaça, com ela perfumou os recém-casados; era a sua benção nupcial. Em seguida, os tapuias reuniram-se em três fileiras. Na primeira, estavam Janduí e os feiticeiros, todos com os corpos pintados de diversas cores e cobertos de diversas folhas. Na segunda, estavam os homens e as mulheres. Na terceira, os esposados e esposadas, que se puseram a cantar e a dançar toda a noite. Havia muita alegria e regozijo nesta festa, mas pouco de beber e de comer, reduzido a milho e água salobra. Nesse dia tivemos um eclipse do sol, que começou às sete horas da manhã e durou uma hora.
- (97) No dia 3 (julho), o ancião Janduí mandou dizer que, passado o calor do dia, recomençoariam as danças. Os brasileiros voltaram para a sua aldeia com a barriga vazia, pois Janduí ordenara que se guardasse o milho para Vvaupu e sua gente, quando viessem, e às quatro horas da tarde todos se puseram de novo a dançar. Quando estavam dançando, um feiticeiro veio dizer que Houcha chegaria à noite, com outros cinco. Pararam imediatamente e foram armar um leito de folhas na choça do sacrifício, perto do qual puseram fumo. Chegada a noite, os tapuias recommoçaram suas danças e Janduí e seus feiticeiros vieram à choça de sacrifício para indagar de Houcha o que lhes aconteceria. Três vozes enrouquecidas responderam a um só tempo: - “Fugireis”.- “Como?”- perguntou Janduí. Tenho mais homens que os meus inimigos, sem contar o socorro que espero dos holandeses.”Uma só voz respondeu-lhe: - “Tu o esperas, mas ele ainda não está aqui.” Isto foi escutado por todos, e todos, o ancião, os feiticeiros, os homens e as mulheres puseram-se a chorar e lamentar-se cerca de meia hora. Então, uma quinta voz falou a Janduí e disse-lhe: - “Não combatas com os teus inimigos sem os holandeses: recua e a dissensão levará entre eles, e eles se matarão uns aos outros.”Ouvindo isto, o povo reanimou-se e pôs-se a dançar o resto da noite, ao fim da qual o Diabo se retirou.
- (98) O ancião chamou-me na manhã seguinte contou-me tudo que se havia passado no dia precedente; mandou reunir todos os principais do seu povo com os feiticeiros, a fim de consultar para onde se retirariam, se fossem obrigados a fugir. Eles eram de opinião que deviam atravessar o rio e vir para o Rio Grande. Opus-me a essa resolução, dizendo que os inimigos ali os perseguiriam mais vivamente que em qualquer outro lugar, encontrando com que subsistir; seria mais conveniente retirar-se para um lugar onde os

inimigos, ao perseguí-los, não pudessem encontrar o que comer; sendo, assim, obrigados a voltar. Eu ouvira dizer que acima da serra havia uma região pobre; seria bom que eles se retirassem para ali, onde eu viria encontrá-los com os meus soldados.

- (99) *Quando estávamos tratando da resolução que motivara o Conselho, chegaram dois brasileiros, que nos disseram ter Vvarrivvuaire e seus homens tratado com Paiucu contra nós. Janduí disse-lhes que ficassem com ele até se averiguar a verdade do que asseguravam, ordenando que lhes fosse dado o que comer. À tarde, dois de meus negros trouxeram-me fumo e algumas bagatelas do Rio Grande. Os tapuias ficaram muito satisfeitos ao vê-los, imaginando que me traziam o socorro que eu lhes havia prometido. Disse-lhes que era necessário que eu próprio fosse buscá-los. O ancião não ficou muito contente e respondeu-me que, se eu não fosse depressa e voltasse ainda mais rapidamente, os seus inimigos e os meus deitariam a perder a eles e a nós, até mesmo no Rio Grande. Prometi-lhe que o faria, enquanto ele retirasse suas tropas além da montanha Vvhu nada deixando de comer atrás dele, ao mesmo tempo que cobriria as cabeceiras dos ribeiros que fosse encontrando. A estas palavras, todos eles se deitaram no chão; um feiticeiro assegurou-lhes que eu dizia a verdade. Houcha afirmara que lavraria a dissensão entre os inimigos, e isso certamente aconteceria se ficassem sem comida e sem bebida. Os tapuias alegraram-se e recomeçaram a dançar como antes.*
- (100) *Cerca das nove horas da manhã, no dia 5 de julho, Janduí chamou-me e perguntou-me se eu voltaria breve: informei-lhe que sim, acrescentando que enquanto ele me esperava, deveria mandar alguns de seus homens à busca do inimigo, a fim de capturar prisioneiros, para saber dos seus intuitos e de suas forças. Deveria esperá-los o maior tempo que pudesse caso acreditasse que não poderia resistir-lhes, se retirasse para Vvahy. Se isso acontecesse, deveria enviar-me dois ou três homens ao Rio Grande, que me avisariam do que se passava. Assim me prometeu. Despedi-me, então de Janduí, recusando a companhia dos tapuias que ofereceu para me guiarem. Deixei-lhes todo o fumo e os outros objetos que os negros me tinham trazido. Agradeceram-me e eu lhes solicitei, em troca do que lhes ofertara, que me dessem milho para a minha alimentação durante a viagem.*
- (101) *Quando eu já estava preparado para partir, no dia seguinte, Janduí pediu-me os meus cães. Disse-lhe que eram as minhas fontes de alimentação e eu não confiava senão neles para suprir-me durante a minha volta, - “Toma, replicou-me, tanto milho quanto os teus negros possam levar, e deixa-me os cães; quando trouxeres os que estão no forte da Paraíba, eu os restituírei; não tenho a intenção de fazê-los caçar durante a tua viagem, para conservá-los sãos”. Esta cortesia obrigou-me a deixá-los com ele.*
- (102) *No dia 7, tendo-me posto a caminho, topei com Vvajupu e seus homens, que iam ao encontro do ancião. Comemos juntos milho e ratos, que ele trouxera. Pediu-me que voltasse depressa, com as melhores tropas possíveis, e emprestou-me o seu cavalo, a fim de que eu chegasse mais rapidamente ao meu destino. Eu cavalgara pouco tempo, quando se súbito ele desapareceu, sem que eu soubesse o que lhe acontecera.*
- (103) *Mandei procurá-lo durante todo o dia seguinte, mas não conseguimos encontrá-lo. E como não tivéssemos deixado de marchar, chegamos à tarde à aldeia que existia à margem do Rio Potengi, onde passei o dia seguinte, a fim de que me mostrassem onde estavam aquelas belas pedras negras das quais falei acima (parágrafo 83). Dois habitantes aí me conduziram e mostraram-me grande quantidade delas. Na volta, mandei pillar um pouco de milho para comer durante a viagem.*
- (104) *No dia 10, querendo eu partir, trouxeram-me uma beberagem feita com milho e mel selvagem; bebi-a toda e depois caminhei pela encosta e pela serra, até*

chegar no rio. Na noite do dia 11, mandei de volta os brasileiros da mencionada aldeia que me acompanhavam; encontramos milho e peixe para cear.

(105) No dia 12, atravessei o rio, no qual pescamos o suficiente para alimentar-nos.

(106) E no dia seguinte, tendo encontrado brasileiros que pescavam, juntamo-nos a eles, e misturamos com a sua pesca os ratos que os meus negros tinham apanhado.

(107) Cheguei a Cameru no dia 14, cerca do meio-dia, e à tarde à minha casa, em Incarenigi, no Governo do Rio Grande, depois de ter suportado a fome e as fadigas que lestes.